

O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa

C. S. LEWIS



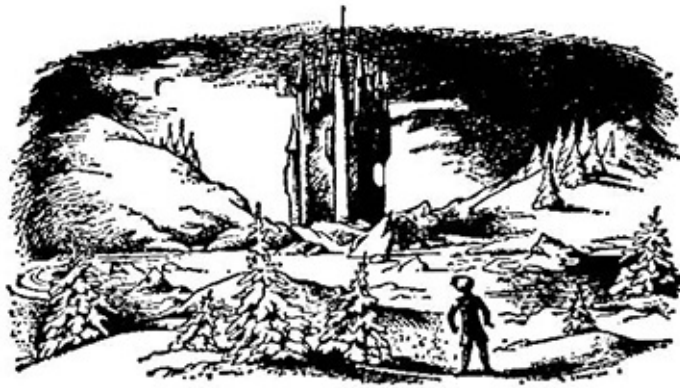
As Crônicas de Nárnia



C. S. LEWIS

O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

ILUSTRAÇÕES
DE PAULINE BAYNES




wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2014

Para Lucy Barfield

Minha querida Lucy,

Comecei a escrever esta história para você, sem lembrar-me de que as meninas crescem mais depressa do que os livros. Resultado: agora você está muito grande para ler contos de fadas; quando o livro estiver impresso e encadernado, mais crescida estará. Mas um dia virá em que, muito mais velha, você voltará a ler histórias de fadas. Irá buscar este livro em alguma prateleira distante e sacudir-lhe o pó. Aí me dará sua opinião. É provável que, a essa altura, eu já esteja surdo demais para poder ouvi-la, ou velho demais para compreender o que você disser. Mas ainda serei o seu padrinho, muito amigo,

C. S. LEWIS



A vida do autor

Nasceu em Belfast, Irlanda. Por mais de trinta anos, foi membro e professor do Magdalen College, em Oxford. Conservou esse posto até tornar-se professor de Literatura Medieval e Renascentista, na Universidade de Cambridge. Seus dois primeiros livros foram de poesia e publicados sob o pseudônimo de Clive Hamilton. Mais tarde, publicou vários livros, principalmente relacionados com assuntos literários e teológicos. Para a literatura infantil, C. S. Lewis escreveu, em sete volumes, a história sobre a terra mágica de Nárnia, que começou com *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (*O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*). A medalha de Carnegie, para o melhor livro infantil, foi conferida a Lewis pela obra *The Last Battle*, mas era, obviamente, uma homenagem a toda a série Nárnia.

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA:

1. *O sobrinho do mago*
2. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*
3. *O cavalo e seu menino*
4. *Príncipe Caspian*
5. *A viagem do Peregrino da Alvorada*
6. *A cadeira de prata*
7. *A última batalha*

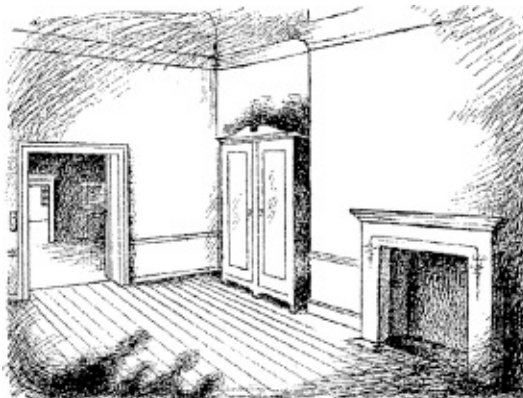
O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

ÍNDICE

- I. Uma estranha descoberta
- II. O que Lúcia encontrou
- III. Edmundo e o guarda-roupa
- IV. Manjar turco
- V. Outra vez do lado de cá
- VI. Na floresta
- VII. Um dia com os castores
- VIII. Depois do jantar
- IX. Na casa da feiticeira
- X. O encantamento começa a quebrar-se
- XI. A aproximação de Aslam
- XII. A primeira batalha de Pedro
- XIII. Magia profunda na aurora do tempo
- XIV. O triunfo da feiticeira
- XV. Magia ainda mais profunda de antes da aurora do tempo
- XVI. O que aconteceu com as estátuas
- XVII. A caçada ao Veado Branco

CAPÍTULO UM

UMA ESTRANHA DESCOBERTA



Era uma vez duas meninas e dois meninos: Susana, Lúcia, Pedro e Edmundo. Esta história nos conta algo que lhes aconteceu durante a guerra, quando tiveram de sair de Londres, por causa dos ataques aéreos. Foram os quatro levados para a casa de um velho professor, em pleno campo, a quinze quilômetros de distância da estrada de ferro e a mais de três quilômetros da agência de correios mais próxima.

O professor era solteiro e morava numa casa muito grande, com D. Marta, a governanta, e três criadas, Eva, Margarida e Isabel, que não aparecem muito na história.

O professor era um velho de cabelo desgrenhado e branco, que lhe encobria a maior parte do rosto, além da cabeça.

As crianças gostaram dele quase imediatamente. Mas, na primeira noite, quando ele veio recebê-las, na porta principal, tinha uma aparência tão estranha, que Lúcia, a mais novinha, teve medo dele, e Edmundo (que era o segundo mais novo) quase começou a rir e, para disfarçar, teve de fingir que estava assoando o nariz.

Naquela noite, depois de se despedirem do professor, os meninos foram para o quarto das meninas, onde trocaram impressões:

– Tudo perfeito – disse Pedro. – Vai ser formidável. O velhinho deixa a gente fazer o que quiser.

– É bem simpático – disse Susana.

– Acabem com isso! – falou Edmundo, com muito sono, mas fingindo que não, o que o tornava sempre mal-humorado. – Não fiquem falando desse jeito!

– Que jeito? – perguntou Susana. – Além do mais, já era hora de você estar

dormindo.

– Querendo falar feito mamãe – disse Edmundo. – Que direito você tem de me mandar dormir? Vá dormir você, se quiser.

– É melhor irmos todos para a cama – disse Lúcia. – Vai haver confusão, se ouvirem a nossa conversa.

– Não vai, não – disse Pedro. – Este é o tipo de casa em que a gente pode fazer o que quer. E, além do mais, ninguém está nos ouvindo. É preciso andar quase dez minutos daqui até a sala de jantar, e há uma porção de escadas e corredores pelo caminho.

– Que barulho é esse? – perguntou Lúcia de repente.

Era a maior casa que ela já tinha visto. A ideia de corredores compridos e fileiras de portas que vão dar em salas vazias começava agora a lhe dar arrepios.

– Foi um passarinho, sua boba – disse Edmundo.

– Foi uma coruja – disse Pedro. – Este lugar deve ser uma beleza para passarinhos. E agora pra cama! Amanhã vamos explorar tudo. Repararam nas montanhas do caminho? E os bosques? Aqui deve ter águia. Até veado. E falcão, com certeza.

– E raposas! – disse Edmundo.

– E coelhos! – disse Susana.

Mas, quando amanheceu, caía uma chuva enjoada, tão grossa que, da janela, quase não se viam as montanhas, nem os bosques, nem sequer o riacho do quintal.

– Tinha certeza de que ia chover! – disse Edmundo.

Haviam acabado de tomar café com o professor e estavam na sala que lhes fora destinada, um aposento grande e sombrio, com quatro janelas.

– Não fique reclamando e resmungando o tempo todo – disse Susana para Edmundo. – Aposto que, daqui a uma hora, o tempo melhora. Enquanto isso, temos um rádio e livros à vontade.

– Isso não me interessa – disse Pedro. – Vou é explorar a casa.

Todos concordaram, e foi assim que começaram as aventuras. Era o tipo da casa que parece não ter fim, cheia de lugares surpreendentes. As primeiras portas que entreabriram davam para quartos desabitados, como aliás já esperavam. Mas não demoraram a encontrar um salão cheio de quadros, onde também acharam uma coleção de armaduras. Havia a seguir uma sala forrada de verde, com uma harpa encostada a um canto. Depois de terem descido três degraus e subido cinco, chegaram a um pequeno saguão com uma porta, que dava para uma varanda, e ainda para uma série de salas, todas cobertas de livros de alto a baixo.

Os livros eram quase todos muito antigos e enormes.

Pouco depois, espiavam uma sala onde só existia um imenso guarda-roupa, daqueles que têm um espelho na porta. Nada mais na sala, a não ser uma mosca morta no peitoril da janela.

– Aqui não tem nada! – disse Pedro, e saíram todos da sala.

Todos menos Lúcia. Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afagassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa. Foi avançando cada vez mais e descobriu que havia uma segunda fila de casacos pendurada atrás da primeira. Ali já estava meio escuro, e ela estendia os braços, para não bater com a cara no fundo do móvel. Deu mais uns passos, esperando sempre tocar no fundo com as pontas dos dedos. Mas nada encontrava.

“Deve ser um guarda-roupa colossal!”, pensou Lúcia, avançando ainda mais. De repente notou que estava pisando qualquer coisa que se desfazia debaixo de seus pés. Seriam outras bolinhas de naftalina? Abaixou-se para examinar com as mãos. Em vez de achar o fundo liso e duro do guarda-roupa, encontrou uma coisa macia e fria, que se esfarelava nos dedos. “É muito estranho”, pensou, e deu mais um ou dois passos.

O que agora lhe roçava o rosto e as mãos não eram mais as peles macias, mas algo duro, áspero e que espetava.

– Ora essa! Parecem ramos de árvores!

Só então viu que havia uma luz em frente, não a dois palmos do nariz, onde deveria estar o fundo do guarda-roupa, mas lá longe. Caía-lhe em cima uma coisa leve e macia. Um minuto depois, percebeu que estava num bosque, à noite, e que havia neve sob os seus pés, enquanto outros flocos tombavam do ar.

Sentiu-se um pouco assustada, mas, ao mesmo tempo, excitada e cheia de curiosidade. Olhando para trás, lá no fundo, por entre os troncos sombrios das árvores, viu ainda a porta aberta do guarda-roupa e também distinguiu a sala vazia de onde havia saído. Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa. Lá longe ainda parecia divisar a luz do dia.

– Se alguma coisa não correr bem, posso perfeitamente voltar.

E ela começou a avançar devagar sobre a neve, na direção da luz distante.

Dez minutos depois, chegou lá e viu que se tratava de um lampião. O que estaria fazendo um lampião no meio de um bosque? Lúcia pensava no que deveria fazer, quando ouviu uns pulinhos ligeiros e leves que vinham na sua direção. De repente, à luz do lampião, surgiu um tipo muito estranho.

Era um pouquinho mais alto do que Lúcia e levava uma sombrinha branca. Da cintura para cima parecia um homem, mas as pernas eram de bode (com pelos pretos e acetinados) e, em vez de pés, tinha cascos de bode. Tinha também cauda, mas a princípio Lúcia não notou, pois ela descansava elegantemente sobre o braço que segurava a sombrinha, para não se arrastar pela neve.

Trazia um cachecol vermelho de lã enrolado no pescoço. Sua pele também era meio avermelhada. A cara era estranha, mas simpática, com uma barbicha pontuda e cabelos frisados, de onde lhe saíam dois chifres, um de cada lado da testa. Na outra mão carregava vários embrulhos de papel pardo. Com todos aqueles pacotes e coberto de neve, parecia que acabava de fazer suas compras de Natal.

Era um fauno. Quando viu Lúcia, ficou tão espantado que deixou cair os embrulhos.

– Ora bolas! – exclamou o fauno.

CAPÍTULO DOIS

O QUE LÚCIA ENCONTROU



– Boa noite – disse Lúcia. Mas o fauno estava tão ocupado em apanhar os embrulhos que nem respondeu. Quando terminou, fez-lhe uma ligeira reverência:

– Boa noite, boa noite. Desculpe, não quero bancar o intrometido, mas você é uma Filha de Eva? Ou estou enganado?

– Meu nome é Lúcia – disse ela, sem entender direito.

– Mas você é, desculpe, o que chamam de menina?

– Claro que sou uma menina – respondeu Lúcia.

– Então é de fato humana?

– Evidente que sou humana! – disse Lúcia, bastante admirada.

– É claro, é claro – disse o fauno. – Que besteira a minha! Mas eu nunca tinha visto um Filho de Adão ou uma Filha de Eva. Estou encantado. Isto é... – e aí parou, como se fosse dizer alguma coisa que não devia. – Encantado, encantado – continuou. – Meu nome é Tumnus.

– Muito prazer, Sr. Tumnus.

– Posso perguntar, Lúcia, Filha de Eva, como é que veio parar aqui em Nárnia?

– Nárnia? Que é isso?

– Aqui é a terra de Nárnia: tudo que está entre o lampião e o grande castelo de Cair Paravel, nos mares orientais. Você veio dos Bosques do Ocidente?

– Eu entrei pelo guarda-roupa da sala vazia.

– Ah! – disse o Sr. Tumnus, numa voz um tanto melancólica. – Se eu tivesse estudado mais geografia quando era um faunozinho, saberia alguma coisa sobre

esses países estrangeiros. Agora é tarde.

– Mas não são países coisa nenhuma – disse Lúcia, quase desandando a rir. – É logo ali atrás, acho... não tenho certeza. Lá é verão.

– Mas em Nárnia é sempre inverno, e há muito tempo. Aliás, vamos apanhar um resfriado se ficarmos aqui conversando debaixo da neve. Filha de Eva das terras longínquas de Sala Vazia, onde reina o verão eterno da bela cidade de Guarda-Roupa, que tal se a gente tomasse uma xícara de chá?

– Muito obrigada, Sr. Tumnus, mas eu estava querendo voltar pra casa.

– É ali, virando aquela esquina – disse o fauno –, e lá tem uma lareira acesa, torradas, sardinha, bolo...

– É muita bondade de sua parte. Só que não posso demorar muito.

– Segure no meu braço, Filha de Eva. Assim a sombrinha dá para dois. O caminho é por aqui.

Foi assim que Lúcia começou a andar pelo bosque, de braço dado com aquela estranha criatura, como se fossem velhos amigos.

Ainda não tinham andado muito quando chegaram a um lugar em que o chão era mais áspero, e havia rochas por toda parte e pequenas colinas para subir e descer. Ao chegarem ao fundo de um valezinho, o Sr. Tumnus voltou-se de repente para o lado, indo direto ao encontro de uma rocha colossal. No último instante, Lúcia percebeu que ele a conduzia para a entrada de uma caverna. Mal se acharam lá dentro, ela começou a piscar à vista de uma bela lareira acesa. O Sr. Tumnus tirou do fogo um tição e acendeu um fogareiro.

– Não demora – disse, pondo a chaleira no fogo.

Lúcia nunca estivera num lugar tão agradável. Era uma caverna quentinha e limpa, aberta numa rocha de tons avermelhados, com um tapete no chão e duas cadeirinhas. (“Uma para mim e outra para um amigo” – disse o Sr. Tumnus.) Havia ainda uma mesa, uma prateleira e uma chaminé por cima da lareira; e, dominando tudo, o retrato de um velho fauno de barba grisalha.

Num canto, uma porta. “O quarto do Sr. Tumnus”, pensou Lúcia. Encostada à parede, uma estante cheia de livros, que ela ficou examinando enquanto ele preparava o chá. Os títulos eram esquisitos: *A vida e as cartas de Sileno*; *As ninfas e as suas artes*; *Homens, monges e guardas do bosque*; *Estudo da lenda popular*; *É o homem um mito*?

– Vamos, Filha de Eva.

Foi de fato um chá maravilhoso. Um ovo mal cozido para cada um, sardinhas fritas, torradas com manteiga, torradas com mel em seguida, e depois um bolo todo coberto de açúcar.

Quando Lúcia já não podia comer mais, o fauno começou a falar. Sabia histórias maravilhosas da vida na floresta. Falou das danças da meia-noite; contou como as ninfas, que vivem nas fontes, e as dríades, que vivem nos bosques, aparecem para dançar com os faunos. Falou das intermináveis caçadas ao Veado Branco, branco como leite, que, se for apanhado, permite que a pessoa realize todos os desejos. E dos banquetes, e dos bravos Anões Vermelhos procurando tesouros nas minas profundas e nas grutas. Depois falou do verão, quando os bosques eram verdes e o velho Sileno vinha visitá-los num jumento enorme, e, algumas vezes, até o próprio Baco. Então corria vinho nos riachos, em vez de água, e toda a floresta ficava em festa durante semanas.

– Infelizmente agora é sempre inverno – acrescentou o fauno, tristemente.

E, para distrair-se, tirou de uma caixinha uma flauta pequena e esquisita, que parecia feita de palha, e começou a tocar. A melodia dava a Lúcia vontade de rir e chorar, de dançar e dormir, tudo ao mesmo tempo. Passaram-se horas talvez, até que ela deu por si e exclamou, sobressaltada:

– Oh, Sr. Tumnus! Sinto muito ter de interrompê-lo... Além disso, gosto tanto dessa música! Mas, francamente, tenho de ir para casa. Não podia demorar mais do que uns minutinhos.

– Agora já não é possível – disse o fauno, deixando a flauta e abanando tristemente a cabeça.

– Não é possível?! – disse Lúcia dando um salto, toda assustada. – Por quê? Os outros devem estar preocupados. Tenho de ir para casa imediatamente.

Mas no instante seguinte ela perguntou:

– Que aconteceu, Sr. Tumnus? – pois os olhos castanhos do fauno estavam cheios de lágrimas, que começaram a correr-lhe pelo rosto até a ponta do nariz. Depois ele cobriu a cara com as mãos e começou a soluçar.

– Sr. Tumnus, Sr. Tumnus! – disse Lúcia, muito aflita. – Não chore. Que foi que aconteceu? Não se sente bem? Diga o que é.

Mas o fauno continuava a soluçar, como se tivesse o coração partido. E mesmo quando Lúcia lhe deu um abraço e lhe emprestou o lenço, ele não parou de soluçar. Depois, torceu com as mãos o lenço todo encharcado. Em poucos minutos, Lúcia quase que andava dentro d'água.

– Sr. Tumnus! – disse-lhe ao ouvido, fazendo-o estremecer. – Acabe com isso. Logo! Devia ter vergonha de estar fazendo esse papel: um fauno tão grande, tão bonito! Por que está chorando desse jeito?

– Oh! Oh! Estou chorando porque sou um fauno muito ruim.

– Não acho nada disso. Penso até que é um fauno muito bonzinho, o fauno mais simpático que já encontrei.

– Oh! Oh! Você não diria isso, se soubesse de tudo! Não, sou um fauno mau. Acho que nunca existiu um fauno tão ruim desde o começo do mundo.

– Mas, então, que foi que você fez?

– Estou pensando no meu velho pai – disse o Sr. Tumnus. – Aquele do retrato em cima da lareira. Ele nunca teria feito uma coisa dessas.

– Mas que coisa?

– A coisa que eu fiz! Trabalhar para a Feiticeira Branca. É o que eu faço! Estou a serviço da Feiticeira Branca.

– Mas quem é a Feiticeira Branca?

– Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela, aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine só!

– Que horror! – exclamou Lúcia. – E que serviço você presta a ela?

– Aí é que está o pior de tudo – disse Tumnus, com um profundo suspiro. – Por causa dela, roubo crianças. É o que eu sou: ladrão de crianças! Olhe para mim, Filha de Eva: acredita que eu seja capaz de encontrar no bosque uma pobre criança inocente, que nunca fez mal a ninguém, fingir que sou muito amigo dela, convidá-la para vir à minha gruta, e depois fazer com que ela adormeça, para entregá-la à Feiticeira Branca?

– Não! Tenho a certeza de que o senhor nunca seria capaz de fazer isso.

– Pois eu faço, sim, senhora!

– Bem – disse Lúcia, devagarinho (porque ela queria ser justa, mas, ao mesmo tempo, não queria ferir muito o fauno) –, bem, isso foi muito malfeito. Mas, já que está arrependido, tenho a certeza de que não fará de novo.

– Filha de Eva, não está entendendo? Ainda não fiz! Estou fazendo agora!

– O quê?! – gritou Lúcia, pálida.

– A criança é você. A ordem da Feiticeira Branca foi esta: se alguma vez eu visse um Filho de Adão ou uma Filha de Eva no bosque, deveria atraí-los e entregar para ela. Você foi a primeira que eu encontrei. Fingi que era muito seu amigo, convidei-a para tomar chá, esperando que você adormecesse; aí, eu iria contar para ela...

– Oh, não faça uma coisa dessas, Sr. Tumnus! Não! O senhor nunca deve fazer isso.

– Mas, nesse caso – e ele começou a chorar –, ela vai descobrir tudo. E vai mandar que me cortem a cauda, serrem meus chifres, arranquem minha barba. Com a vara de condão é capaz de transformar meus bonitos cascos fendidos em horrendos cascos de cavalo. Mas, se estiver zangada mesmo, é capaz de me transformar em estátua de fauno. Vou ficar naquela casa horrível, até que os

quatro tronos de Cair Paravel sejam ocupados... Sabe-se lá quando isso vai acontecer.

– Tenho muita pena, Sr. Tumnus, mas, por favor, deixe-me ir pra casa.

– Claro que sim. Tenho mesmo de deixar. Agora percebo. Não sabia como eram os humanos até encontrar você. Não iria entregá-la à feiticeira, principalmente agora, que a conheço. Vou acompanhá-la até o lampião. Você tem de achar o caminho até Sala Vazia e Guarda-Roupa.

– É claro que eu acho!

– Temos de ir bem caladinhos e escondidos. O bosque está cheio de espiões. Existem até árvores do lado dela!

O Sr. Tumnus abriu a sombrinha, deu o braço a Lúcia, e lá se foram pela neve. O caminho de volta não foi o mesmo que os levara à caverna do fauno; deslizaram silenciosamente, o mais depressa possível, sem dizerem nada, enquanto Tumnus escolhia sempre lugares mais escuros. Lúcia sentiu um alívio quando chegaram outra vez ao lampião.

– E agora, Filha de Eva, já sabe o caminho?

Lúcia olhou atentamente entre as árvores e conseguiu distinguir, à distância, um raio de luz que parecia ser a luz do dia.

– Sei; estou vendo o guarda-roupa.

– Então, já para casa. Espero que me perdoe por aquilo que eu desejava fazer...

– Está perdoado – disse Lúcia, apertando-lhe a mão com afeto. – Só espero que não lhe aconteça nada de mal por minha causa.

– Adeus, Filha de Eva. Posso ficar com o lenço?

– Pode, é claro.

E Lúcia correu na direção do distante raio de luz. E logo, em vez de ramos ásperos, passou a sentir os casacos e, em vez da neve desfazendo-se debaixo de seus pés, encontrou o chão de madeira. Depois, deu um salto para fora do guarda-roupa e se viu na mesma sala vazia do início de toda aquela aventura. Fechou bem a porta e olhou em redor, toda ofegante. Chovia ainda, e ela ouviu as vozes dos outros no corredor.

– Estou aqui! – gritou ela. – Estou aqui de volta! Tudo bem.

CAPÍTULO TRÊS

EDMUNDO E O GUARDA-ROUPA



Lúcia saiu correndo da sala vazia e achou os três no corredor.

– Tudo bem; já voltei.

– Do que você está falando, Lúcia? – perguntou Susana.

– O quê! – disse Lúcia, admirada. – Mas vocês não ficaram preocupados?

– Então, você andou escondida, hein? – disse Pedro. – Coitada da Lúcia!

Ficou escondida e ninguém reparou! Você tem de ficar escondida mais tempo, se quiser que alguém se lembre de ir procurá-la.

– Mas eu estive fora muitas horas – disse Lúcia.

Os outros se entreolharam.

– Sua boba! – disse Edmund, batendo de leve na cabeça. – Completamente boba!

– O que você está querendo dizer, Lu? – perguntou Pedro.

– Exatamente o que eu disse. Entrei no guarda-roupa logo depois do café. Fiquei fora muito tempo, tomei chá... Aconteceram muitas outras coisas.

– Não fique bancando a boboca, Lúcia – disse Susana. – Saímos da sala agora mesmo e você ainda estava lá.

– Ela não está bancando a boboca – disse Pedro. – Está imaginando uma história para se divertir, não é, Lúcia?

– Não é não, Pedro. É... é um guarda-roupa mágico. Lá dentro tem um bosque e está nevando. Tem um fauno e uma feiticeira. O nome da terra é Nárnia. Se quiserem, vamos ver.

Os outros não sabiam o que pensar, mas Lúcia estava tão agitada que todos a acompanharam à sala. Ela correu à frente, abriu a porta do guarda-roupa e

gritou:

– Vamos, entrem, vejam com os seus próprios olhos!

– Mas que pateta! – disse Susana, metendo a cabeça lá dentro e afastando os casacos. – É um guarda-roupa comum. Olhem: lá está o fundo.

Olharam todos, depois de afastarem os casacos, e viram – Lúcia também – um guarda-roupa muito comum. Não havia bosque, nem neve, apenas o interior de um guarda-roupa, com os cabides pendurados. Pedro entrou e bateu com os dedos, certificando-se da solidez da peça.

– Boa brincadeira, Lúcia – disse ao sair. – Você nos pregou uma boa peça. Quase acreditamos.

– Mas não é mentira coisa nenhuma! Palavra de honra! Há um minuto estava tudo diferente. Palavra que estava!

– Vamos, Lu – disse Pedro. – Você está exagerando; já se divertiu muito. É melhor acabar com a brincadeira.

Lúcia ficou vermelha até a raiz dos cabelos. Quis murmurar qualquer coisa e desandou a chorar.

Durante alguns dias, sentiu-se muito infeliz. Podia resolver a questão num instante, bastando declarar que tinha inventado aquela história. Mas Lúcia gostava de falar a verdade, e tinha certeza de que não estava enganada. Os outros, pensando que era tudo mentira, e mentira boba, davam-lhe um grande desgosto. Os dois mais velhos faziam isso sem querer, mas Edmundo costumava bancar o mau, e estava sendo mau daquela vez. Zombava de Lúcia, chateando-a o tempo todo, perguntando se ela não tinha achado outras terras misteriosas nos numerosos armários que existiam por toda a casa.

O pior é que esses dias eram para ter sido esplêndidos. O tempo estava lindo, passeavam lá fora da manhã até a noite, tomavam banho de riacho, pescavam, subiam nas árvores, deitavam-se no bosque... Mas Lúcia não se divertia de verdade. E assim foram correndo as coisas até que chegou um novo dia de chuva.

Naquela tarde, como o tempo continuasse ruim, resolveram brincar de esconder. Susana era o *pegador* e, mal se dispersaram para se esconder, Lúcia dirigiu-se à sala do guarda-roupa. Não queria esconder-se lá dentro, pois isso certamente faria com que os outros voltassem a se lembrar daquele assunto desagradável. Mas queria pelo menos dar uma espiada, porque, naquela altura, ela própria já começava a se perguntar se Nárnia e o fauno não passavam de um sonho. A casa era tão grande e complicada, tão cheia de esconderijos, que ela pensou que teria tempo de dar uma espiada e se esconder em outro lugar. Mas, mal tinha se aproximado, ouviu passos no corredor, e não teve outro remédio:

pulou para dentro do guarda-roupa e segurou a porta, pois sabia muito bem que era uma idiotice alguém fechar-se num guarda-roupa, mesmo num guarda-roupa mágico. Eram os passos de Edmundo, que entrou na sala ainda a tempo de ver Lúcia sumir dentro do móvel. Sem hesitar, resolveu entrar também – não porque o considerasse um bom esconderijo, mas porque tinha vontade de continuar a chateá-la com o seu mundo imaginário. Abriu a porta. Os casacos estavam dependurados como sempre, cheirando a naftalina; tudo era escuridão e silêncio, e não havia vestígios de Lúcia. “Ela pensa que sou a Susana e que vim pegá-la, por isso está quietinha lá no fundo” – pensou Edmundo.

Ele pulou para dentro e fechou a porta, esquecendo-se de que estava fazendo uma grande bobagem. Começou a procurar Lúcia no escuro. Ficou muito admirado quando não a encontrou. Resolveu abrir de novo a porta para deixar entrar luz. Mas também não foi capaz de dar com a porta. Nada satisfeito, começou a andar desorientado, às apalpadelas, em todas as direções. Chegou a gritar: “Lúcia! Lu! Onde você está? Sei que está aí, sua boba!”

Mas ficou sem resposta. Notou até que a própria voz tinha um som curioso – não o som que é de esperar dentro de um armário, mas um som ao ar livre. Observou também que de repente estava sentindo frio; depois viu uma luz.

– Graças a Deus! A porta se abriu sozinha.

Esquecendo-se completamente de Lúcia, começou a andar em direção à luz, julgando ser a porta do guarda-roupa. Mas, em vez de dar na sala vazia, ficou espantado ao passar da sombra de umas árvores grossas para uma clareira no meio de um bosque. Sentia sob os pés a neve dura, e havia neve também nos ramos. O céu era azul-pálido, céu de uma bela manhã de inverno. Na frente dele, entre os troncos, o sol nascia, vermelho e brilhante. Pairava uma calma enorme, como se ele fosse o único ser vivo naquela terra desconhecida. Nem sequer um passarinho ou um esquilo por entre as árvores. E o bosque estendia-se a perder de vista em todas as direções. Edmundo tiritava de frio. Lembrou-se então de que andava à procura de Lúcia. Lembrou-se também de que a tratara mal por causa desse país imaginário, que de imaginário nada tinha. Talvez ela estivesse ali por perto. Começou a gritar:

– Lúcia! Lúcia! Estou aqui também, o Edmundo!

Mas ficou sem resposta. “Deve estar zangada comigo” – pensou. E embora não lhe agradasse muito reconhecer que procedera mal, também não lhe agradava nada estar sozinho naquele lugar estranho, deserto e frio. Gritou de novo:

– Lu! Estou arrependido por não ter acreditado. Você tinha razão. Pode aparecer. Vamos fazer as pazes.

Mas para si mesmo dizia: “Isso é mesmo coisa de menina. Emburrada num canto por aí, não querendo aceitar minhas desculpas.” Olhou mais uma vez em volta e concluiu que o lugar não lhe despertava muita simpatia. Quase decidido a voltar, ouviu lá longe, no bosque, um tilintar de sinetas. Escutou com atenção. O som ia se aproximando cada vez mais, até que surgiu um trenó, puxado por duas renas.

As renas eram do tamanho de um cavaleiro, de pelo tão branco quanto a neve. Os chifres eram dourados e brilhavam ao sol. Os arreios, de couro escarlate, estavam cheios de sinetas. Conduzindo as renas, sentado no trenó, ia um anão forte que, em pé, não devia ter nem um metro de altura. Vestia peles de urso polar e trazia um capuz vermelho, de cuja ponta pendia uma grande borla dourada; uma comprida barba cobria-lhe os joelhos, servindo-lhe de manta. Atrás dele, em lugar muito mais importante, no meio do trenó, ia sentada uma criatura muitíssimo diferente: uma grande dama, a maior mulher que Edmundo já vira. Estava também envolta em peles brancas até o pescoço, e trazia, na mão direita, uma longa varinha dourada, e uma coroa de ouro na cabeça. Seu rosto era branco (não apenas claro), branco como a neve, como papel, como açúcar. A boca se destacava, vermelhíssima. Era, apesar de tudo, um belo rosto, mas orgulhoso, frio, duro...

Como era bonito o trenó aproximando-se, as sinetas tilintando, o anão estalando o chicote, a neve saltando dos lados!

– Alto! – disse a dama, e o anão deu um puxão tão forte que as renas quase caíram sentadas. Depois ficaram mordendo os freios, arquejantes. No ar gelado, o bafo que lhes saía das narinas parecia fumaça.

– Ei, você! O que é você? – perguntou a dama, cravando os olhos em Edmundo.

– Eu... eu... meu nome é Edmundo – respondeu ele, meio atrapalhado. Não estava gostando nada do jeito dela. A dama franziu as sobrancelhas:

– É assim que você fala a uma rainha?

– Perdão, Majestade, mas eu não sabia.

– Não conhece a rainha de Nárnia!? – exclamou ela, mais severa. – Pois vai passar a me conhecer daqui por diante. Repito: o que é você?

– Queira desculpar, Majestade. Não estou sabendo o que a senhora quer dizer. Eu ainda estou na escola... pelo menos estava... agora estou de férias.

CAPÍTULO QUATRO

MANJAR TURCO



– Mas o que é você? – tornou a rainha. – Por acaso um anão que cresceu demais e resolveu cortar a barba?

– Não, Majestade; eu nunca tive barba, sou ainda um menino.

– Um menino! Quer dizer, um Filho de Adão?

Edmundo ficou parado, sem dizer nada. Já se sentia todo confuso.

– Seja lá o que for, acho que se trata também de um débil mental. Responda logo, se não quer que eu perca a paciência. Você é humano?

– Sou, sim, Real Senhora.

– E como conseguiu entrar nos meus domínios? Quero saber!

– Por um guarda-roupa, Majestade.

– Por um guarda-roupa? Que história é essa?

– Abri a porta e de repente estava aqui.

– Ah! – disse a rainha, falando mais para si própria do que para ele. – Uma porta! Uma porta no mundo dos homens! Já ouvi falar de coisas parecidas. Pode ser o princípio do fim. Mas ele é um só, e resolverei isso com facilidade.

Levantou-se e fitou Edmundo com olhos afogueados; no mesmo instante, ergueu a varinha. Edmundo sentiu que ela ia fazer qualquer coisa de terrível, mas não foi capaz de dar um passo. Já se considerava perdido, quando ela pareceu mudar de opinião.

– Meu menininho – disse ela, com uma voz muito diferente. – Está gelado! Sente-se aqui no trenó, perto de mim; cubra-se com a minha manta. Vamos conversar um pouco.

Edmundo não gostou muito do convite, mas não teve coragem de

desobedecer. Pulou para o trenó, sentando-se aos pés da rainha, que colocou uma dobra da manta em torno dele.

– Que tal uma bebidinha quente? Seria bom, não seria?

– Seria, Majestade – respondeu Edmundo, batendo o queixo.

Lá de dentro dos agasalhos, a rainha tirou uma garrafinha que parecia de cobre. Levantando o braço, deixou cair uma gota na neve. Edmundo viu a gota brilhar, como um diamante, durante um segundo no ar. Mas, no momento em que tocou na neve, produziu um som sibilante, e logo surgiu um copo cheio de um líquido fumegante. Imediatamente, o anão o apanhou, passando-o a Edmundo com uma reverência e um sorriso afável. Depois de ter começado a beber, Edmundo sentiu-se muito melhor. Era uma bebida que nunca tinha provado, muito doce e espumante, ao mesmo tempo espessa, que o aqueceu da cabeça aos pés.

– Beber sem comer é triste, Filho de Adão – disse a rainha. – Que deseja comer?

– Manjar turco, Majestade, por favor – disse Edmundo.

A rainha deixou cair sobre a neve outra gota da garrafa; no mesmo instante, apareceu uma caixa redonda, atada com uma fita de seda verde, que, ao se abrir, revelou alguns quilos do melhor manjar turco. Edmundo nunca tinha saboreado coisa mais deliciosa, tão gostosa e tão leve. Sentiu-se aquecido e bem disposto.

Enquanto ele comia, a rainha não cessava de fazer-lhe perguntas. A princípio, lembrou-se de que é feio falar com a boca cheia, mas logo se esqueceu, absorto na ideia de devorar a maior quantidade possível de manjar turco. E quanto mais comia, mais tinha vontade de comer. Nem quis saber por que razão a rainha era tão curiosa. Aos poucos, ela foi-lhe arrancando tudo: tinha um irmão e duas irmãs; uma das irmãs já conhecia Nárnia e tinha encontrado um fauno; ninguém mais a não ser ele, o irmão e as irmãs sabiam da existência de Nárnia. Ela parecia especialmente interessada no fato de eles serem quatro, voltando sempre ao assunto.

– Tem certeza de que são só quatro? Dois Filhos de Adão e duas Filhas de Eva, nem mais, nem menos?

Edmundo abriu a boca cheia de manjar turco, repetindo:

– É isso mesmo, já disse – esquecendo-se do “Majestade”.

Por fim, acabou-se o que era doce, e Edmundo olhava fixamente para a caixa vazia, louco para que a rainha lhe perguntasse se ainda queria mais. Sabia ela muito bem o que ele estava pensando. E, melhor ainda, sabia que o manjar turco estava encantado: quem o provasse, ficaria querendo sempre mais e chegaria a comer, a comer, até estourar. Mas a rainha, em vez de oferecer mais, disse:

– Filho de Adão, gostaria muito de conhecer seu irmão e suas irmãs. Você é capaz de trazê-los aqui para uma visita?

– Posso tentar – disse Edmundo, olhando ainda para a caixa vazia.

– Porque, se voltar aqui e trouxer seus irmãos, vou dar-lhe mais manjar turco. Agora é impossível, porque o poder mágico só tem efeito uma vez. Se fosse em minha casa, seria diferente.

– E por que não vamos logo para a sua casa?

A princípio, quando subiu no trenó, ficou apavorado com a ideia de que ela o levasse para algum lugar desconhecido, de onde não pudesse voltar nunca mais; agora já nem se lembrava disso.

– Minha casa? Ah, é um lugar maravilhoso! Você iria gostar muito de lá, tenho certeza. Há salas e salas cheias de manjar turco. E, imagine só, eu não tenho filhos! Quem me dera ter um menino para educar como príncipe, e que fosse, depois da minha morte, rei de Nárnia. Enquanto fosse príncipe, teria de usar uma coroa de ouro e comer manjar turco o dia inteirinho. Nunca vi um menino tão inteligente e bonito como você. Sou capaz de fazê-lo príncipe, um dia, quando conseguir que os outros me façam uma visita.

– E por que não pode ser agora? – perguntou Edmundo.

Estava muito corado, com a boca e os dedos melados, e (fosse qual fosse a opinião da rainha) não parecia nem bonito, nem inteligente.

– Ora, se eu o levasse agora, nunca mais você veria seus irmãos. Tenho grande vontade de conhecer todos. Porque você vai ser príncipe e, mais tarde, rei. Já está resolvido. Mas vou precisar também de nobres. Seu irmão será duque, e suas irmãs, duquesas.

– Mas eles não têm nada de mais! – exclamou Edmundo. – De qualquer maneira, eu poderia buscá-los mais tarde.

– É. Mas, depois de entrar em minha casa, poderia esquecê-los. Gostaria tanto, que não mais se lembraria de buscá-los. Agora, escute: vá para a sua terra e volte outro dia; mas com eles, entendeu? Sem eles, não precisa aparecer mais.

– Mas eu nem sei como voltar!

– É muito fácil. Está vendo aquela luz?

Ela apontou com a varinha, e Edmundo viu o lampião junto ao qual Lúcia havia encontrado o fauno.

– É por ali, em linha reta, o caminho do mundo dos homens. Olhe agora para o outro lado – e apontou na direção oposta – e me diga: está vendo aquelas duas colinas lá longe?

– Acho que estou.

– Pois a minha casa fica entre aquelas duas colinas. Quando voltar aqui e achar o lampião, olhe para as colinas e vá andando pelo bosque, até chegar à minha casa. Mas tem de trazer os outros! Vou ficar muito zangada se você vier sozinho!

– Vou fazer o possível – falou Edmundo.

– E outra coisa: nada de falar de mim. Vai ser muito mais engraçado se for um segredo entre nós dois. Não acha? Vamos fazer uma surpresa para eles. Um rapaz inteligente como você vai achar um jeito de trazê-los até a colina; ao passar em frente da casa, pode dizer: “Vamos ver quem mora aqui”, ou qualquer coisa parecida. Será melhor assim. Se sua irmã encontrou um fauno, é possível que tenha ouvido contar histórias estranhas a meu respeito, histórias desagradáveis; pode ter medo de vir aqui. Os faunos falam o que lhes passa pela cabeça, bem sabe disso, e...

– Por favor, Majestade – interrompeu Edmundo de repente –, por favor, não pode me arranjar nem mais um pouquinho de manjar turco para a viagem de volta?

– Não, não – disse a rainha com uma risada. – Você tem de esperar pela próxima vez.

Fez sinal ao anão para avançar, acenando para Edmundo à medida que o trenó se afastava, e gritando-lhe:

– Na próxima vez! Não se esqueça! Volte logo!

Edmundo estava ainda olhando para o trenó, quando ouviu alguém chamá-lo pelo nome. Lúcia corria para ele, vindo do outro lado do bosque.

– Ó Edmundo, você também entrou aqui? Não é formidável?

– Pois é, vejo que você tinha razão: afinal o guarda-roupa é mesmo mágico. Desculpe. Mas onde esteve esse tempo todo?

– Se eu soubesse que você tinha entrado aqui, teria esperado – disse Lúcia, que estava ainda muito agitada e contente para reparar na aspereza com que Edmundo falava. – Estive almoçando com o meu bom amigo, Sr. Tumnus, o fauno. Está muito bem, e a Feiticeira Branca não lhe fez nenhum mal por me ter deixado partir. Talvez ela não tenha desconfiado de nada; afinal de contas, pode dar tudo certo.

– Quem é a Feiticeira Branca?

– Uma pessoa horrível. Diz que é a rainha de Nárnia, embora não tenha o direito de ser rainha. É odiada por todos os faunos e dríades e náíades e anões e animais... Pelo menos, pelos que são bons. É capaz de transformar as pessoas em pedra e de fazer mil coisas horríveis. É por causa de um encantamento dela que é sempre inverno em Nárnia, sempre inverno, mas o Natal nunca chega. Ela

anda num trenó puxado por duas renas, tem uma varinha na mão e uma coroa na cabeça.

Edmundo, já meio incomodado por ter comido tanto manjar turco, sentiu-se ainda pior ao ouvir dizer que a dama da qual se tornara amigo era uma perigosa feiticeira. Mas, lá no fundo, o que mais desejava era voltar para fartar-se daquele maravilhoso manjar.

– Mas quem é que lhe contou essa história toda?

– O Sr. Tumnus, o fauno.

– Fique sabendo que a gente não deve acreditar em tudo o que dizem os faunos – falou Edmundo, querendo mostrar que sabia muito mais do que Lúcia a respeito de faunos.

– Quem foi que disse?

– Todo o mundo sabe disso; pergunte a quem quiser. Mas o que não está nada bom é este frio. Vamos pra casa.

– Pois vamos. Estou feliz por você ter vindo. Agora eles têm de acreditar. Vai ser engraçado...

Edmundo achou que não seria tão engraçado para ele. Teria de confessar, perante os outros, que Lúcia estava certa, e é claro que Pedro e Susana tomariam logo o partido dos faunos e dos animais. E ele estava quase inteiramente do lado da feiticeira. Além disso, não sabia o que havia de dizer ou como guardar segredo, quando todos estivessem falando de Nárnia.

Já tinham andado muito. De repente sentiram-se rodeados de casacos, em vez de ramos de árvores. Daí a pouco estavam na sala vazia.

– Você está com uma cara horrível, Edmundo – disse Lúcia. – Está passando mal?

– Estou me sentindo muito bem.

Não era verdade. Estava mesmo passando mal.

– Vamos ver onde estão Pedro e Susana. Temos muita coisa para contar...

CAPÍTULO CINCO

OUTRA VEZ DO LADO DE CÁ



Como estivessem ainda brincando de esconder, levou tempo para que Edmundo e Lúcia encontrassem Pedro e Susana. Depois de reunidos todos na sala das armaduras, Lúcia falou:

– Pedro! Susana! É tudo verdade! Edmundo também viu. Há um país fantástico que a gente alcança pelo guarda-roupa. Edmundo e eu estivemos lá. Demos um com o outro no meio do bosque. Conte, Edmundo, conte tudo para eles.

– Que história é essa, Edmundo? – perguntou Pedro.

E agora chegamos a um dos pontos mais terríveis desta história. Até aquele instante, Edmundo tinha-se sentido mal disposto, mal-humorado, aborrecido com Lúcia, porque ela estava certa: mas não tinha resolvido o que fazer. Porém, diante da pergunta de Pedro, decidiu fazer a coisa mais mesquinha e mais ordinária de que se poderia ter lembrado. Decidiu humilhar Lúcia.

– Conta, Edmundo – disse Susana.

Edmundo tomou um ar de grande superioridade, como se fosse muito mais velho do que Lúcia (a diferença era só de um ano), e disse com um risinho de deboche:

– Ah, é mesmo! Eu e Lúcia estivemos brincando, imaginando que era verdade tudo aquilo do país maravilhoso dentro do guarda-roupa. Mas só de brincadeira, é claro. Não existe nada lá.

A coitada da Lúcia olhou para Edmundo e saiu correndo para fora da sala. Ele, que a cada momento se tornava mais maldoso, achou que tinha conseguido uma grande vitória.

– Lá vai ela outra vez. Que há com essa garota? Este é o problema com as

crianças pequenas... estão sempre a...

– Cale o bico! – disse Pedro, furioso. – Você está sendo muito malvado com a Lu, desde que ela apareceu com a loucura do guarda-roupa. Você está abusando, querendo humilhá-la por causa disso. É por pura maldade.

– Mas tudo isso é um absurdo! – exclamou Edmundo, um pouco ressentido.

– Pois é isso que está me preocupando. Lu estava muito bem quando saiu de casa. Desde que chegou aqui, parece que não anda muito boa da cabeça. Ou, então, está virando uma grande mentirosa. Seja lá o que for, não adianta você estar sempre zombando dela, chateando-a num dia, para dizer no outro que ela tinha razão.

– Eu acho... eu acho – disse Edmundo, mas não lhe saiu mais nada da boca.

– Não acha nada – disse Pedro. – É maldade sua. Você sempre gostou de portar-se como um cavalo com os mais novos: no colégio você já era impossível.

– Vamos parar com isso – disse Susana. – Não resolve nada ficar discutindo. Vamos procurar a Lúcia.

Estava na cara que Lúcia andara chorando. Nada conseguia consolá-la. Estava absolutamente convencida da verdade da história:

– Não me interessa o que vocês pensam, nem o que vocês dizem. Podem contar tudo ao professor ou escrever para a mamãe. Façam o que quiserem. Tenho a certeza de que encontrei um fauno, e devia ter ficado lá para sempre, porque vocês são uns bestas...

Não foi uma noite nada agradável: Lúcia infeliz; Edmundo sentindo que o seu plano não estava saindo tão bem quanto imaginara. Os dois mais velhos começavam a convencer-se de que Lúcia não estava em seu perfeito juízo. Depois que a irmã foi dormir, ficaram os dois durante muito tempo no corredor, falando em segredo sobre o caso.

Na manhã seguinte, resolveram contar tudo ao professor.

– Depois escreveremos a papai, se o professor achar que Lúcia não está boa da cabeça; não podemos fazer mais do que isso.

– Entrem – disse o professor, ao ouvir as pancadas na porta.

Ofereceu-lhes cadeiras e disse que estava às ordens. Escutou-os com toda a atenção, dedos cruzados, sem interrompê-los até o fim da história. Ficou calado durante muito tempo. Tossiu para limpar a garganta. E disse a coisa que eles menos podiam esperar:

– E quem disse que a história não é verdadeira?

– Oh, mas acontece... – começou Susana; e parou por aí. Via-se pela cara do velho que ele estava mesmo falando sério. Susana tomou coragem e disse:

– Mas Edmundo confessou que eles estavam fingindo.

– Ora, aí está uma coisa – tornou o professor – que precisa ser considerada, e com muitíssima atenção. Por exemplo, se me desculpam a pergunta: qual deles, pela experiência de vocês, é mais digno de crédito, o irmão ou a irmã? Isto é, quem fala sempre a verdade?

– Isto é que é gozado, professor – respondeu Pedro. – Até agora, eu só posso dizer que é a Lúcia.

– E que acha você, minha querida Susana?

– Bem, em casos comuns, penso igual ao Pedro, mas aquela história do bosque e do fauno não pode ser verdade.

– É o que a gente nunca sabe – disse o professor. – Não se deve acusar de mentirosa uma pessoa que sempre falou a verdade; é mesmo uma coisa séria, muito séria.

– Mas o nosso medo não é que ela esteja mentindo – replicou Susana. – Chegamos a pensar se ela não está doente da cabeça...

– Acham que ela está louca? – perguntou, calmamente, o professor. – Podem ficar descansados: basta olhar para ela, ouvi-la um instante para ver que não está louca.

– Mas, então... – disse Susana, e calou-se. Nunca tinha pensado que uma pessoa grande falasse como o professor, e não sabia bem o que havia de pensar de tudo aquilo.

– Lógica! – disse o professor para si mesmo. – Por que não ensinam mais lógica nas escolas? – E dirigindo-se aos meninos declarou: – Só há três possibilidades: ou Lúcia está mentindo; ou está louca; ou está falando a verdade. Ora, vocês sabem que ela não costuma mentir, e é evidente que não está louca. Por isso, enquanto não houver provas em contrário, temos de admitir que está falando a verdade.

Susana olhou para ele muito séria: o professor não estava brincando.

– Mas como é que pode ser verdade, professor?

– E por que você duvida?

– Bem – disse Pedro –, então, se é verdade, por que não encontramos sempre o tal país fantástico ao abrir a porta do guarda-roupa? Não havia nada lá quando olhamos; nem Lúcia teve coragem de fingir que havia.

– E isso prova o quê? – perguntou o professor.

– Ora, ora, se as coisas são verdadeiras, estão sempre onde devem estar.

– Tem certeza, Pedro?

Ele não foi capaz de responder.

– Mas ela não teve tempo! – disse Susana. – Mesmo que esse país existisse, Lúcia não teve tempo de ir lá. Veio correndo atrás de nós, logo que saímos da sala. Demorou menos de um minuto, e ela diz que passou *horas* lá.

– Pois é exatamente isso que me faz acreditar na história – disse o professor. – Se, de fato, existe nesta casa uma porta aberta para um outro mundo (e devo dizer que esta casa é muito estranha, e eu mesmo mal a conheço), e se Lúcia conseguiu chegar a esse mundo, não ficaria nada admirado se ela houvesse encontrado lá um tempo diferente; assim, podia muito bem acontecer que, embora ela ficasse muito tempo lá, a gente não percebesse isso no tempo do nosso mundo. Lúcia, na idade dela, não deve saber disso. Logo, se estivesse fingindo, deveria ficar escondida durante mais tempo, para depois contar a mentira.

– Mas, professor, acha mesmo que pode existir outro mundo, em qualquer lugar, tão pertinho? Será possível?

– É muito possível – disse o professor, tirando os óculos para limpá-los. – Eu gostaria de saber o que estas crianças aprendem na escola! – murmurou para si mesmo.

– Mas o que devemos fazer no momento? – perguntou Susana, que sentia a conversa sair dos eixos.

– Minha querida Susana – disse o professor, fitando ambos com um olhar penetrante –, há um plano ainda não sugerido por ninguém, e que talvez valha a pena experimentar.

– Qual?

– Cada um trate de sua própria vida.

E assim terminou a conversa. Daí por diante, Lúcia sentiu que o ambiente melhorava. Pedro via-se na obrigação de impedir as zombarias de Edmundo. E ninguém tinha vontade de tocar no assunto do guarda-roupa.

Durante algum tempo foi como se as aventuras tivessem chegado a um fim. Mas não foi o que aconteceu.

A casa do professor – da qual ele mesmo tão pouco sabia – era tão antiga e famosa que vinha gente de toda parte para visitá-la. Era dessas que estão indicadas nos guias turísticos e até nos livros de história. E havia motivo para isso, pois corriam sobre ela muitas lendas, algumas mais estranhas do que o caso que estou contando. Quando apareciam turistas, o professor dava licença para verem a casa, e D. Marta, a governanta, servia-lhes de guia, contando o que sabia dos quadros, das armaduras e dos livros raros da biblioteca. A governanta não gostava de crianças, e não admitia que a interrompessem enquanto falava como um papagaio aos visitantes. Logo no primeiro dia (juntamente com muitas

outras instruções), tinha dito para Susana e Pedro:

– ...E lembrem-se bem: saiam do caminho quando eu estiver mostrando a casa!

– Como se a gente fosse perder tempo andando atrás dum bando de gente grande! – resmungou Edmundo.

Foi assim que as aventuras começaram outra vez.

Alguns dias depois, estavam Pedro e Edmundo contemplando as armaduras, doidos para desmontá-las, quando as duas meninas entraram na sala como um vendaval:

– Atenção! Aí vem a governanta com um batalhão atrás dela!

– Ordinário, marche! – comandou Pedro. E fugiram pela porta do fundo. Mal tinham penetrado na sala verde, e depois na biblioteca, ouviram vozes mais adiante, pois a governanta havia conduzido os turistas pela escada dos fundos. Assim, ou porque já estivessem meio avoados, ou porque D. Marta estivesse de pé atrás deles, ou ainda por alguma força mágica que os impelia para Nárnia – o certo é que se sentiram perseguidos em toda parte, e Susana exclamou:

– Ora! Vamos para a sala do guarda-roupa até eles passarem. Lá não vai ninguém.

Mal tinham acabado de entrar, ouviram vozes no corredor, e viram a maçaneta da porta mover-se.

– Depressa! – disse Pedro. – Não temos outro lugar. – E abriu de repente o guarda-roupa. Amontoaram-se os quatro lá dentro, sentando-se ofegantes no escuro. Pedro segurou a porta encostada, mas não a fechou completamente: como todas as pessoas de juízo, sabia muito bem que nunca devemos nos fechar dentro de um guarda-roupa.

CAPÍTULO SEIS

NA FLORESTA



– Deus permita que a governanta despache logo aquela gente! – falou Susana. – Estou toda encolhidinha!

– Que cheiro horrível de cânfora! – exclamou Edmundo.

– Deve ser dos bolsos dos casacos, cheios de naftalina, para espantar traças – disse Susana.

– Tem um troço aqui me picando nas costas – disse Pedro.

– Não está ficando frio? – perguntou Susana.

– E muito – disse Pedro. – E que umidade! Que diabo de lugar é este? Estou sentado em cima de uma coisa molhada. E está cada vez mais úmido.

Foi com dificuldade que Pedro conseguiu erguer-se. Edmundo disse:

– Vamos sair, eles já foram embora.

– Oh! Oh! – gritou Susana de repente. Todos perguntaram o que tinha acontecido.

– Estou encostada numa árvore – disse ela. – Olhem! Lá longe está clareando.

– Puxa vida, é mesmo! – disse Pedro. – E olhem pra lá... e pra lá... tudo cheio de árvores! E esta coisa molhada é neve. Agora acredito que estamos no bosque da Lúcia.

Já não podia haver a menor dúvida. Ficaram os quatro, imóveis, piscando na luz fria da manhã de inverno. Atrás deles, os casacos dependurados nos cabides, e, na frente, as árvores cobertas de neve. Pedro virou-se para Lúcia:

– Desculpe se eu não acreditei. Quer fazer as pazes?

– É claro.

– E agora, o que vamos fazer? – perguntou Susana.

– Ora, vamos explorar o bosque – disse Pedro.

– Ufa! – exclamou Susana, batendo com os pés no chão. – Está um frio de doer. E se a gente vestisse estes casacos? Não acham uma boa ideia?

– Não são nossos!... – disse Pedro, temeroso.

– Ninguém vai ligar – replicou Susana. – Além disso, não vamos levar os casacos para fora de casa: eles nem vão sair do guarda-roupa!

– Não pensei nisso – falou Pedro.

– É mesmo, assim não vai haver problema. Ninguém vai dizer que pegamos os casacos se eles continuam no guarda-roupa; pois a minha impressão é que o país fantástico está dentro do guarda-roupa.

E logo puseram em prática a sensata sugestão de Susana. Os casacos eram enormes para eles, chegando aos calcanhares, e pareciam mais imponentes mantos reais do que simples casacos. O importante é que se sentiam mais quentinhos, e cada um achava o outro muito elegante.

– Vamos fazer de conta que somos exploradores polares.

– Nem é preciso – disse Pedro. – Mesmo sem fazer de conta, a coisa vai ser muito divertida.

Foram andando na direção da floresta. No céu juntavam-se nuvens escuras, e tudo levava a crer que cairia mais neve antes do anoitecer.

– Escutem – disse Edmundo –, não acham que devemos cortar um pouco à esquerda, para irmos diretamente ao lampião?

Havia esquecido que o seu papel era continuar fingindo que não conhecia o bosque. Os outros pararam e ficaram olhando para ele. Pedro assobiou.

– Ah, então, você já esteve aqui! Você disse que era mentira da Lu!

Fez-se um silêncio mortal.

– Se há uma coisa que eu odeio... – disse Pedro, mas logo se calou, encolhendo os ombros. De fato, nada mais havia a dizer. E de novo puseram-se a caminho. Edmundo ia resmungando para si mesmo: “Cambada de gente pretenciosa! Um dia, vocês me pagam!”

– Aonde vamos? – perguntou Susana, ansiosa para mudar o rumo da conversa.

– Acho que a Lúcia é quem deve nos guiar – disse Pedro. – E ela merece, depois do que acabamos de ouvir. Para onde, Lu?

– E se fôssemos visitar o Sr. Tumnus? Que acham? É aquele fauno bonito...

Concordaram todos, apertando o passo, batendo os pés no chão. Lúcia saiu-se bem na missão de guia. A princípio, não estava muito certa se encontraria o caminho, mas foi reconhecendo, aqui, uma árvore de jeito estranho, ali, um

tronco no chão, até chegarem àquele lugar em que o caminho piorava; por fim, deram com a porta da caverna do Sr. Tumnus. Mas aí esperava-os uma triste surpresa.

A porta fora arrancada e partida em pedaços. Dentro da caverna, estava escuro, frio, úmido, desagradável, como se o local estivesse desabitado havia vários dias. A neve entrava pela porta e amontoava-se no chão, misturando-se com as lenhas mal queimadas e a cinza da lareira. Era como se alguém tivesse espalhado a cinza pelo chão para apagar as chamas das lenhas. A louça estava toda partida, e o retrato do pai do fauno fora esfaqueado e dilacerado.

- Bonito trabalho! – exclamou Edmundo. – Valeu a pena ter vindo aqui!
- Que é isso? – falou Pedro, ao ver um pedacinho de papel pregado no tapete.
- Tem alguma coisa escrita? – perguntou Susana.
- Acho que tem, mas não consigo ler com esta luz. Vamos para fora. Saíram todos. Pedro leu o seguinte:

O antigo inquilino deste prédio, o fauno Tumnus, está preso, aguardando julgamento, acusado de crime de alta traição contra Sua Majestade Imperial Jadis, Rainha de Nárnia, Castelã de Cair Paravel, Imperatriz das Ilhas Solitárias, etc. É acusado outrossim de auxílio aos inimigos da supracitada Majestade, abrigando espiões e confraternizando-se com humanos.

MAUGRIM, Comandante-chefe da Polícia Secreta.

VIVA A RAINHA!

Os quatro meninos olharam uns para os outros.

- Esta terra não está me agradando nem um pouquinho – disse Susana.
- Quem é essa rainha, Lu? – perguntou Pedro. – Sabe alguma coisa a respeito dela?

– Não é rainha nada. É uma feiticeira horrorosa, a Feiticeira Branca. É muito odiada no bosque. Foi ela quem encantou as terras de Nárnia, para que aqui seja sempre inverno, e o Natal não chegue nunca.

– Eu... só queria saber uma coisa: de que adianta seguirmos em frente? – disse Susana. – Quer dizer... acho que não é muito seguro... e pode até não ter graça nenhuma. E depois, está ficando cada vez mais frio... e não temos nada para comer. Vamos para casa?

– Ah, isso é que não! Agora não pode ser! – disse Lúcia de repente. – Não podemos voltar depois do que aconteceu. Foi por minha causa que o fauno se

meteu nesta confusão. Foi ele que me escondeu da feiticeira e me ensinou o caminho de casa. É isto que eles querem dizer com o “auxílio aos inimigos da rainha e confraternização com humanos”. Temos de fazer tudo para salvá-lo.

– Grande coisa haveremos de fazer! – disse Edmundo. – Nem temos o que comer!

– Cale a boca – disse Pedro, ainda muito zangado com Edmundo. – Qual a sua opinião, Susana?

– Tem aqui dentro de mim uma coisa horrível dizendo que Lu está certa – disse Susana. – Mas, por mim, não dava nem mais um passo. Ah, se eu não tivesse vindo! Mas temos de fazer alguma coisa pelo fauno. Seja lá o que for.

– Também acho – disse Pedro. – O drama é não termos trazido comida. E se voltássemos para pegar algo na despensa? Mas quem nos garante que, se a gente sair, vai poder entrar de novo neste país mágico? Acho que o melhor é continuar.

– Também acho – disseram as duas meninas ao mesmo tempo.

– Se ao menos a gente soubesse onde é que o coitado está preso! – disse Pedro.

Todos ficaram calados, imaginando o que podiam fazer, quando, de repente, Lúcia exclamou:

– Olhem aquele pintarroxo de papo vermelho. É a primeira vez que vejo um passarinho aqui. Prestem atenção! Está com uma cara de quem quer falar alguma coisa! Os passarinhos de Nárnia também serão capazes de falar?

Voltou-se para o pássaro:

– Sr. Pintarroxo, seria capaz de nos dizer para onde levaram Tumnus, o fauno? – E deu um passo na direção da avezinha, que logo levantou voo, mas para uma árvore ali pertinho. Empoleirada lá, ficou olhando para eles, como se tivesse entendido tudo o que haviam dito. Quase sem querer, os quatro avançaram mais um passo ou dois. O pintarroxo voou de novo para a árvore mais próxima. E ficou olhando. Aliás, não é fácil encontrar um pintarroxo de papo tão vermelho e de olhos tão brilhantes como aquele!

– Sabem de uma coisa? – perguntou Lúcia. – Acho que ele quer que a gente vá atrás dele.

– É o que parece – concordou Susana. – Que acha, Pedro?

– Não se perde nada experimentando.

De fato, o pintarroxo parecia compreender tudo perfeitamente. Saltando de ramo em ramo, ia sempre uns metros à frente, para ser seguido sem dificuldade. E assim foi servindo-lhes de guia pela encosta abaixo. As nuvens se abriram e surgiu um belo sol de inverno; em volta, a neve tomou um brilho deslumbrante.

Havia quase meia hora que caminhavam, as duas meninas sempre na frente, quando Edmundo disse para Pedro:

– Se por acaso você puder descer desse pedestal para falar comigo, tenho uma coisa séria para lhe dizer.

– Que coisa? – perguntou Pedro.

– Psiu! Não fale tão alto; não vale a pena assustar as meninas. Pensou bem no que estamos fazendo?

– O quê? – disse Pedro, baixando a voz num murmúrio.

– Estamos indo atrás de um guia que não sabemos quem é. Como vamos saber de que lado está o passarinho? Quem pode dizer se ele não está levando a gente para alguma armadilha?

– Que ideia boba! Além disso, você está vendo, trata-se de um pintarroxo. Em todas as histórias que li, os pintarroxos são sempre bons sujeitos. Ele nunca ficaria do lado errado.

– Ah, é assim? E como vamos saber qual é o lado errado? Como é que vamos saber se os faunos estão do lado certo e a rainha (sei, sei, já disseram que ela é feiticeira) está do lado errado? A gente não conhece os faunos e não conhece a rainha!

– O fauno salvou Lúcia.

– É o que ele disse. Mas podemos mesmo saber? Outra coisa: quem é que sabe qual é o caminho de volta?

– Puxa vida! – exclamou Pedro. – Não me lembrei disso!

– E não há comida à vista! – concluiu Edmundo.

CAPÍTULO SETE

UM DIA COM OS CASTORES



Assim conversavam os dois meninos, em voz baixa, quando as meninas gritaram ao mesmo tempo:

– Oh! – E depois pararam.

– O pintarroxo! O pintarroxo sumiu!

– Que vamos fazer agora? – perguntou Edmundo, lançando a Pedro um olhar que significava: “Que é que eu falei?”

– Psiu! Olhem ali! – disse Susana. – Tem uma coisa ali se mexendo, no meio das árvores. Mais para lá.

Olharam todos com atenção, meio desconfiados.

– Está lá de novo – tornou Susana.

– Ah, agora eu vi – disse Pedro. – Está ali atrás daquela árvore.

– Mas o que é? – perguntou Lúcia, fazendo grande esforço para não parecer medrosa.

– Seja lá o que for – disse Pedro –, está se escondendo de nós. Acho que não quer ser visto.

– Vamos para casa – suplicou Susana. E, embora ninguém se atrevesse a dizê-lo, todos compreenderam de repente aquilo que Edmundo segredava a Pedro no fim do capítulo anterior. Estavam irremediavelmente perdidos.

– Como é ele? – perguntou Lúcia.

– É um bicho qualquer – respondeu Susana. – Olhe, depressa! Lá está ele!

E todos o viram desta vez: focinho peludo, grandes bigodes, parecia espreitá-los por detrás das árvores. Não fugiu logo, pelo contrário, levou a pata à boca,

como fazem as pessoas quando põem um dedo nos lábios para nos dizer que devemos ficar em silêncio. E desapareceu de novo. Eles mal respiravam. Um minuto depois, tornou a sair do abrigo atrás das árvores, olhou em volta, com medo de que alguém o visse, e disse:

– Silêncio!

Fez um sinal para que fossem encontrar-se com ele na parte mais cerrada do bosque, e desapareceu novamente.

– Já sei o que é – disse Pedro –, é um castor. Conheço pela cauda.

– E quer que a gente vá lá; avisou para ninguém fazer barulho – disse Susana.

– Isso eu entendi – falou Pedro. – O problema é este: vamos ou não vamos?

Qual a sua opinião, Lu?

– Acho que é um bonito castor – respondeu ela, com simplicidade.

– Bem, mas como é que vamos saber... – começou Edmundo.

– Temos de correr o risco! – afirmou Susana. – Não adianta nada ficarmos aqui parados. Além disso, acho que está na hora do jantar.

Mal disse isso, o castor, atrás das árvores, já acenava para eles com certa aflição.

– Venham! – comandou Pedro. – Vamos ver no que vai dar. Mas todos juntos. Nós podemos com ele, se for um inimigo.

As crianças seguiram muito juntas, passaram para o outro lado e chegaram perto do castor. Mas o animalzinho, atraindo-as mais para o meio da floresta, só lhes disse num sussurro rouco e gutural:

– Mais para a frente, mais para a frente! Aqui está bem. Ali na clareira era meio perigoso.

Estavam agora num lugar sombrio, onde cresciam quatro árvores tão juntas que os ramos se tocavam; e o chão estava coberto de agulhinhas de pinheiro, porque ali a neve não entrava. O castor falou:

– Vocês é que são os Filhos de Adão e as Filhas de Eva?

– Somos sim – respondeu Edmundo.

– Pssiu! – fez o castor. – Por favor, não fale tão alto. Nem aqui estamos muitos seguros.

– Mas... de que é que o senhor tem medo? – perguntou Pedro. – Estamos sozinhos aqui.

– E as árvores? – respondeu o castor. – Estão sempre escutando. Quase todas estão do nosso lado, mas há outras que são capazes de contar para ela. Já entenderam de quem estou falando... – E abanou a cabeça várias vezes.

– Se vamos começar a falar em partidos – observou Edmundo –, como é que

vou saber se o senhor é amigo ou inimigo?

– Não queremos ofendê-lo, Sr. Castor – acrescentou Pedro. – Mas está vendo que não somos aqui da terra.

– Compreendo, compreendo. Aqui está a prova. – E mostrou-lhes uma coisa branca. Olharam todos admirados, até que Lúcia descobriu:

– Ah, é o meu lenço! O lenço que eu dei ao Sr. Tumnus, coitadinho!

– Perfeito! – confirmou o castor. – O infeliz soube da ordem de prisão com uma certa antecendência e entregou-me isso. Disse-me então que, se por acaso lhe acontecesse alguma coisa, eu deveria encontrar-me aqui com vocês, para levá-los... – e a voz do castor apagou-se de súbito. Fazendo sinais misteriosos, ele juntou as crianças num grupo apertado e acrescentou, num leve sussurro:

– Dizem que Aslam está a caminho; talvez até já tenha chegado.

E aí aconteceu uma coisa muito engraçada. As crianças ainda não tinham ouvido falar de Aslam, mas no momento em que o castor pronunciou esse nome, todos se sentiram diferentes. Talvez isso já tenha acontecido a você em sonho, quando alguém lhe diz qualquer coisa que você não entende mas que, no sonho, parece ter um profundo significado – o qual pode transformar o sonho em pesadelo ou em algo maravilhoso, tão maravilhoso que você gostaria de sonhar sempre o mesmo sonho.

Foi o que aconteceu. Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera.

– E o Sr. Tumnus, onde está ele? – perguntou Lúcia.

– Pssssiu! Aqui, não! Vamos para um lugar onde possamos conversar tranquilamente e comer alguma coisa.

Já todos agora confiavam naturalmente no castor, exceto Edmundo, é claro; e todos também, inclusive Edmundo, ficaram contentíssimos com a palavra “comer”.

Seguiram apressados atrás do novo amigo, que, dando uns passinhos incrivelmente rápidos, foi guiando os quatro durante mais de uma hora, pelos recantos mais densos da floresta. Já se sentiam exaustos e famintos quando, de súbito, as árvores começaram a rarear, e eles a descer por uma encosta íngreme. Minutos depois, já sob um céu sem nuvem, onde o sol brilhava ainda, depararam com uma vista maravilhosa. Estavam num vale estreito, no fundo do qual corria (deveria correr, se não estivesse gelado) um rio razoavelmente grande. Bem

debaixo do ponto em que se encontravam haviam construído um dique sobre o rio; e os meninos se lembraram logo de que os castores são fabulosos construtores de diques. Aquela obra – não tiveram dúvida – era do Sr. Castor. Notaram que este tomava um ar modesto... o mesmo ar que as pessoas assumem quando visitamos o jardim que fizeram ou lemos uma história que escreveram. Por isso, era da mais elementar educação que Susana dissesse:

– Que lindo dique!

E desta vez o castor não disse “silêncio!”:

– Ora, ora! Isso não é nada. Não tem a menor importância. E ainda nem está terminado.

Acima do dique havia o que deveria ter sido um lago profundo, mas que agora não passava de uma superfície rasa de gelo esverdeado e escuro. Abaixo do dique, muito mais abaixo, havia mais gelo, mas, em vez de ser liso e plano, tinha as formas ondulantes e espumantes da água, como era no momento em que tudo ficou gelado. Nos lugares em que a água tinha escorrido por cima do dique, via-se agora uma fileira de pingentes brilhantes de gelo, como se fossem flores e grinaldas da mais imaculada brancura. No meio do dique, quase no alto, viram uma linda casinha, que mais parecia uma grande colmeia de abelhas. De um buraco que havia no teto subiam nuvens de fumaça, que logo traziam a ideia (sobretudo a quem estivesse com muita fome) de um jantar excelente sendo preparado. E isso aumentou-lhes ainda mais a fome.

Edmundo reparou ainda em outra coisa: um pouco mais longe, lá embaixo, corria outro rio menor por um vale estreito. Olhando pelo vale acima, viu lá adiante duas colinas, que era capaz de jurar serem as mesmas que a feiticeira lhe apontara ao longe, quando dele se separou perto do lampião. Entre as duas colinas devia estar o palácio, a pouco mais de um quilômetro. Lembrou-se do manjar turco e da promessa de vir a ser rei. (“O que ia dizer Pedro, se soubesse!”) Começaram então a brotar-lhe no cérebro umas ideias terríveis.

– Ora, aqui estamos todos – disse o Sr. Castor. – E parece que a Sra. Castor está à nossa espera. Vou na frente para mostrar o caminho. Cuidado para não escorregarem!

A parte alta do dique era bastante larga, mas não era um bom lugar para os humanos caminharem, pois estava coberta de gelo; além disso, embora de um dos lados estivesse o lago gelado, do outro havia um abismo.

O castor conduziu-os em fila indiana até o meio do caminho, de onde podiam contemplar todo o curso do rio, de um lado e do outro. Ao chegarem ao meio, lá estava a casinha.

– Chegamos, Sra. Castor – disse o marido. – Chegaram os Filhos e as Filhas

de Adão e Eva.

Logo ao entrar, a atenção de Lúcia foi despertada por um som metálico, e a primeira coisa que viu foi a Sra. Castor, uma velhinha de ar bondoso, sentada de linha na boca, trabalhando a valer na máquina de costura. Era de lá que vinha o som. Parou com o trabalho e levantou-se.

– Ah, chegaram finalmente! – disse ela, juntando as patas enrugadas. – Finalmente! E pensar que eu ainda iria viver para ver este dia! As batatas estão cozinhando! E a chaleira já está cantando! Será que o Sr. Castor poderia arranjar-nos uns peixinhos?

– Já vou – disse o Sr. Castor. Saindo de casa na companhia de Pedro, atravessou o lago até chegar a um buraquinho no gelo, aberto à machadinha. Levava um balde na mão. Sentou-se com jeito na beira do buraco, sem ligar para o frio; olhou atentamente lá dentro, enfiou de repente a pata e, num instantinho, agarrou uma linda truta. E assim fez várias vezes, até conseguir o que se chama de uma bela pescaria.

Enquanto isso, as meninas ajudavam a Sra. Castor a encher a chaleira, arrumar a mesa, cortar o pão, pôr os pratos. Em um barril que havia num dos cantos da cozinha, encheram uma grande caneca de cerveja para o Sr. Castor e, por fim, puseram a frigideira no fogo para aquecer a gordura. Lúcia achou que os castores tinham uma casinha bem aconchegante, mas não lembrava em nada a caverna do Sr. Tumnus. Ali não existiam livros nem quadros pendurados, e, em vez de camas, havia beliches nas paredes, como nos navios. Do teto pendiam presuntos e réstias de cebola; encostados às paredes viam-se botas de borracha, oleados, machados, tesouras, pás, colheres de pedreiro, vasilhas de argamassa, caniços de pesca, redes e sacos. A toalha da mesa, embora limpa, era meio grosseira.

A frigideira começava a chiar quando Pedro e o Sr. Castor voltaram com os peixes, abertos a canivete e limpos lá fora. Imagine você agora o cheiro bom dos peixes fritando, e como as crianças, azuis de fome, esperavam ansiosamente que ficasse tudo pronto, e a fome aumentando a cada segundo!

– Está quase prontinho! – disse o Sr. Castor.

Susana preparou as batatas, enquanto Lúcia ajudava a Sra. Castor a colocar as trutas na travessa. Cada um puxou o seu banquinho (na casa dos castores só havia banquinhos de três pés, além da cadeira de balanço da Sra. Castor, junto da lareira), prontos para se fartar. Havia um jarro de leite cremoso para as crianças (o Sr. Castor, fiel a seus princípios, preferiu cerveja) e, no centro da mesa, um bom pedaço de manteiga, de que eles se serviam à vontade para passar nas batatas. Aí as crianças chegaram à conclusão – e eu concordo inteiramente com

elas – de que não há nada melhor do que um peixinho de rio, que ainda há meia hora estava saltando na água, tirado da frigideira há menos de meio minuto. E, depois do peixe, a Sra. Castor tirou do forno um rocambole muito fofo, ainda fumegando, e pôs no fogo a chaleira. Depois de tomarem o chá, todos inclinaram os banquinhos para trás, para se encostarem à parede, e deram um profundo suspiro de satisfação.

– E agora – disse o Sr. Castor, afastando a caneca de cerveja vazia e puxando a xícara para mais perto –, se não se importam de esperar um momento, até eu acender o cachimbo, vamos às coisas sérias. – E acrescentou, depois de olhar pela janela: – Está nevando outra vez. Melhor! Assim não teremos visitas. E se, por acaso, alguém estiver tentando segui-los, não vai encontrar rasto.

CAPÍTULO OITO

DEPOIS DO JANTAR



– E agora quer nos contar o que aconteceu ao Sr. Tumnus? – pediu Lu.

– Ah, é uma triste história – respondeu o Sr. Castor. – Muito triste mesmo. Mas não há dúvida de que foi levado pela polícia. Quem me contou foi um passarinho que assistiu à cena.

– Mas para onde é que o levaram?

– Bem, iam em direção ao norte, quando os viram pela última vez; e, infelizmente, todos sabem o que isso significa.

– Nós não sabemos – disse Susana, enquanto a Sra. Castor balançava a cabeça com uma expressão sombria.

– Infelizmente significa que o levaram para a casa dela.

– E o que vão fazer com ele, Sr. Castor? – perguntou Lúcia, aflita.

– Bem – disse o castor –, nunca se sabe exatamente. Mas poucos podem dizer que lá entraram e de lá conseguiram sair. Estátuas! Dizem que está tudo cheio de estátuas de pedra: o pátio, a escadaria, o saguão. Seres que ela transformou... – Fez uma pausa e estremeceu. – Que transformou em estátuas de pedra.

– Mas, Sr. Castor, não podemos... quero dizer, temos de fazer tudo para salvá-lo. É terrível... por minha causa!

– Tenho a certeza de que você iria salvá-lo, se pudesse, minha menina – disse a Sra. Castor. – Mas como vai fazer para entrar naquela casa, contra a vontade dela, e sair de lá com vida?

– Mas a gente não pode dar um jeito? – perguntou Pedro. – Quer dizer, se a gente for disfarçado de... sei lá... de vendedores ambulantes ou de qualquer outra coisa... esperar que ela saia de casa... ou... Puxa vida! A gente tem de achar um jeito. O fauno arriscou-se para salvar minha irmã, Sr. Castor! Não

podemos abandoná-lo assim, deixar que façam com ele uma coisa dessas!

– Não vale a pena, Filho de Adão! – disse o castor. – Nem vale a pena experimentar. Agora que Aslam está a caminho...

– Ah, é, fale de Aslam! – disseram as crianças em coro. Pois, mais uma vez, tinham sido envolvidas por aquela estranha sensação que lembrava os primeiros sinais da primavera, e que parecia trazer notícias maravilhosas.

– Aslam?! – exclamou o Sr. Castor. – Então não sabem? Aslam é o rei. É o verdadeiro Senhor dos Bosques, embora já há muito esteja ausente. Desde o tempo do meu pai e do meu avô. Agora chegou a notícia de que vai voltar. Neste momento mesmo está em Nárnia. Ele dará um jeito na Feiticeira Branca, não se preocupem. Ele, e não vocês, meus filhos, há de salvar o Sr. Tumnus.

– E se ela transformar também *ele* numa estátua de pedra? – perguntou Edmundo.

– Deixe com ele, Filho de Adão. Não é tão fácil assim! – respondeu o Sr. Castor, caindo na gargalhada. – Transformar ASLAM em pedra? Se ela conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo cara a cara, já é caso para dar-lhe os parabéns. Não, não. Ele vem botar tudo nos eixos. Assim diz um velho poema que costumamos cantar:

*O mal será bem quando Aslam chegar,
Ao seu rugido, a dor fugirá,
Nos seus dentes, o inverno morrerá,
Na sua juba, a flor há de voltar.*

– Quando vocês virem Aslam, hão de entender tudo.

– E chegaremos a vê-lo, um dia? – perguntou Susana.

– Mas é claro, Filha de Eva; foi para isso que eu os trouxe até aqui. Vou guiá-los até ele.

– E ele é um homem? – perguntou Lúcia.

– Aslam, um homem! – disse o Sr. Castor, muito sério. – Não, não. Não lhes disse eu que ele é o Rei dos Bosques, filho do grande Imperador de Além-Mar? Então não sabem quem é o rei dos animais? Aslam é um leão... o Leão, o grande Leão!

– Ah! – exclamou Susana. – Estava achando que era um homem. E ele... é de confiança? Vou morrer de medo de ser apresentada a um leão.

– Ah, isso vai, meu anjo, sem dúvida – disse a Sra. Castor. – Porque, se alguém chegar na frente de Aslam sem sentir medo, ou é o mais valente de todos ou então é um completo tolo.

– Mas ele é tão perigoso assim? – perguntou Lúcia.

– Perigoso? – disse o Sr. Castor. – Então não ouviu o que Sra. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que é bom. Ele é REI, disse e repito.

– Estou louco para ver o rei – disse Pedro –, mesmo que tenha muito medo.

– Muito bem, Filho de Adão! – aplaudiu o Sr. Castor, batendo com a pata em cima da mesa com tal força que os pires e as xícaras tilintaram. – Vai vê-lo, pode estar certo. Recebi há pouco uma mensagem anunciando que vocês devem encontrar-se com ele amanhã, na Mesa de Pedra.

– Onde é isso? – indagou Lúcia.

– Eu lhes mostro o caminho – disse o Sr. Castor. – Ainda é uma boa jornada daqui até lá, seguindo pela margem rio abaixo. Mas eu os levo lá.

– Mas e o coitado do Sr. Tumnus? – perguntou Lúcia.

– O melhor meio para salvá-lo é procurar Aslam – disse o castor. – Enquanto ele não chegar, não podemos agir. Não é que não precisemos de vocês, longe disso. Aí vai outra das nossas velhas canções:

*Quando a carne de Adão,
Quando o osso de Adão,
Em Cair Paravel,
No trono sentar,
Então há de chegar
Ao fim a aflição.*

Por isso, agora que ele já chegou, e que vocês também chegaram, tudo se encaminha para o fim. Sabemos que Aslam já veio outrora a esta região, mas há muito, muito tempo, ninguém sabe bem quando. Mas os seus, os da sua raça, destes não há lembrança de terem estado aqui.

– Mas é isso que eu não entendo, Sr. Castor – disse Pedro. – Então a feiticeira não é humana?

– É o que ela nos queria fazer crer! – respondeu o castor. – É por isso que ela se diz com direito ao trono. Mas Filha de Eva é que ela não é. Sim, descende por um lado da primeira mulher do seu pai Adão (e, a este nome, o Sr. Castor fez uma pequena reverência), a que se chamava Lilith, e era da raça dos gênios. Isso, por um lado. Por outro, descende dos gigantes. Não, na feiticeira não há nem uma gota de sangue humano.

– Por isso é que ela é ruim até a raiz do cabelo – disse a Sra. Castor.

– É a pura verdade – disse o marido. – Pode haver duas opiniões sobre os

humanos (sem nenhuma ofensa aos presentes), mas não pode haver a menor dúvida acerca de seres que parecem humanos mas não o são.

– Pois eu já encontrei anões bons – disse a Sra. Castor.

– Já que fala nisso, eu também – concordou o marido. – Mas pouquíssimos, e os melhores são até os que menos se parecem com os homens. Porque em geral, podem acreditar, quando encontramos um ser que vai ser humano, mas ainda não é, ou que o foi no passado, e depois deixou de ser, ou que devia ser humano, mas na verdade não o é, o melhor é ter cuidado e ficar de pé atrás. É por isso que a feiticeira anda sempre à procura de humanos em Nárnia. Há muitos anos ela procura vocês, sem parar; e se soubesse que vocês são quatro, seria então muito mais perigosa.

– Mas que tem isso de especial? – perguntou Pedro.

– É que existe uma outra profecia. Lá embaixo, em Cair Paravel, no castelo que dá para o mar, junto da foz do rio, e que devia ser a capital se tudo corresse como devia... Lá, em Cair Paravel, há quatro tronos. Uma velhíssima tradição de Nárnia já anunciava que, quando dois Filhos de Adão e duas Filhas de Eva se sentarem nos quatro tronos, então será o fim, não só do reinado da feiticeira, mas da própria feiticeira. Foi por isso que usei de tanta cautela quando viemos para cá; porque, se ela suspeitasse da chegada de vocês, eu não daria uma truta pela vida dos quatro...

Os meninos estavam tão *amarrados* nos lábios do Sr. Castor, que por muito tempo não prestaram atenção a mais nada. Mas, no silêncio que se seguiu às suas últimas palavras, Lúcia, de repente, perguntou:

– Onde está Edmundo?

Foi um silêncio terrível; depois começaram a indagar:

– Quem foi o último a vê-lo?

– Há quanto tempo desapareceu?

– Terá ido lá fora?

Correram todos para a porta. Lá fora, a neve caía lenta e firme, e o gelo esverdeado do lago já estava coberto de um espesso lençol branco. Mesmo no meio do dique, mal conseguiam avistar as margens do rio. Enterrando os tornozelos na neve recente, deram voltas em todas as direções.

– Edmundo! Edmundo! – ficaram roucos de gritar. A neve, caindo silenciosamente, parecia abafar-lhes as vozes, e nem o eco respondia.

– Que coisa pavorosa! – disse Susana, quando, por fim, resolveram voltar, já sem nenhuma esperança. – Quem me dera que eu nunca tivesse vindo!

– E que vamos fazer agora, Sr. Castor? – indagou Pedro.

– Que vamos fazer? – disse o castor, já enfiando as botas de neve. – Que vamos fazer? Precisamos partir imediatamente. Não temos um minuto a perder.

– Não era melhor a gente seguir em quatro grupos – sugeriu Pedro –, cada um numa direção? Quem encontrar Edmundo, retorna logo à base...

– Quatro grupos, Filhos de Adão? – perguntou o Sr. Castor. – Para quê?

– Para procurar!

– Não vai adiantar nada! – disse o castor.

– Que quer dizer com isso? Ele não pode estar longe. Temos de encontrá-lo. Por que diz que não vai adiantar? – perguntou Susana.

– Não vale a pena procurá-lo, pois eu sei perfeitamente para onde ele foi! – Todos arregalaram os olhos, espantados. – Não estão entendendo? Foi encontrar-se com ela, a Feiticeira Branca. Traiu-nos a todos.

– Oh, francamente, essa não! – exclamou Susana. – Ele não faria uma coisa dessas.

– Acham que não? – perguntou o castor, olhando tão fixamente para os três, que eles perderam a vontade de falar, certos, no íntimo, de que Edmundo não tinha feito outra coisa.

– Mas como é que ele sabe o caminho? – perguntou Pedro.

– Ele já esteve alguma vez em Nárnia? Já esteve aqui sozinho?

– Já – respondeu Lúcia, quase num murmúrio. – Infelizmente, já.

– E contou o que fez aqui? Quem encontrou?

– Não, nunca! – respondeu Lúcia.

– Então, prestem atenção: ele já esteve com a Feiticeira Branca; está do lado dela; sabe muito bem onde ela mora. É triste dizer-lhes isso, porque, afinal de contas, é irmão de vocês, mas foi só olhar para ele e disse cá comigo: “Este é um traidor.” Tinha todo o ar de já ter encontrado a feiticeira e comido dos seus manjares encantados. Quem vive há muito tempo em Nárnia não se engana: dá logo com eles. Nós os conhecemos pelos olhos.

– Seja lá como for – disse Pedro, numa voz um tanto sufocada –, temos de ir atrás dele. Afinal, é nosso irmão, um pouco imbecil e mau, mas irmão. E, pensando bem, não passa de uma criança.

– E querem ir à casa da feiticeira? – perguntou a Sra. Castor. – Mas a única possibilidade de salvação, dele e de vocês, é fugirem dela, de qualquer forma.

– Não entendi – disse Lúcia.

– É isso mesmo, menina. O que ela quer é apanhar os quatro: está sempre pensando nos quatro tronos de Cair Paravel. Se insistem em ir procurá-la, só vão ajudá-la a conseguir o que quer. É chegar lá e, antes de abrirem a boca, serão

mais quatro estátuas de pedra acrescentadas à coleção. Mas, pelo contrário, enquanto Edmundo for o único, ela há de querê-lo vivo, para servir-se dele como isca.

– Mas não há ninguém que possa ajudar a gente?

– Só Aslam – sentenciou o Sr. Castor. – Vamos procurá-lo. É a nossa única esperança.

– Meus filhos – disse a Sra. Castor –, o importante, para mim, é saber em que momento o irmão de vocês escapuliu. Conforme o que ouviu, podemos saber o que foi contar. Vejamos: já tínhamos falado de Aslam quando ele saiu? Se não, podemos ficar tranquilos, uma vez que ela não sabe que Aslam já está em Nárnia, ou que nós vamos encontrá-lo...

– Acho que já não estava aqui quando falamos de Aslam... – disse Pedro, logo interrompido por Lúcia.

– Estava, sim – contrariou ela, tristemente. – Não se lembra? Foi ele quem perguntou se a feiticeira não podia transformar Aslam em estátua.

– É verdade! – disse Pedro. – E é mesmo o tipo de pergunta que ele costuma fazer.

– Então estamos fritos – disse o Sr. Castor. – Mas, vejamos: ele ainda estava presente quando eu disse que o ponto de encontro com Aslam era a Mesa de Pedra?

Ninguém soube responder.

– O negócio é o seguinte: se ele estava aqui e foi contar à feiticeira – continuou o castor –, ela imediatamente vai disparar com seu trenó na direção da Mesa de Pedra e colocar-se em nosso caminho. É o que ela quer: impedir o nosso contato com Aslam.

– Está certo, mas, se a conheço bem – disse a Sra. Castor –, não é isso que ela vai fazer primeiro. Quando Edmundo disser que estamos aqui, é capaz de sair em disparada para agarrar a gente ainda esta noite; como ele já saiu há meia hora, é bem provável que ela esteja aqui dentro de uns vinte minutos.

– Tem toda a razão, Sra. Castor – disse o marido. – Temos de cair fora imediatamente. Não há tempo a perder.

CAPÍTULO NOVE

NA CASA DA FEITICEIRA



E agora você, naturalmente, quer saber o que aconteceu a Edmundo. Jantou como os outros, mas sem gosto, pensando o tempo todo no manjar turco... E não há nada que tire tanto o gosto da boa comida caseira do que a lembrança de um mau alimento enfeitiçado. Ouviu a conversa dos outros, também sem satisfação, pois continuava pensando que não lhe davam a devida importância e que o estavam colocando à margem. Ninguém pensava assim, só ele.

Desse modo, ouvira tudo o que o Sr. Castor contara acerca de Aslam, até o momento em que tinham combinado encontrar-se com ele na Mesa de Pedra. Foi aí que, muito sorrateiramente, começou a esgueirar-se por debaixo do reposteiro que cobria a porta. Bastava o nome de Aslam para dar-lhe uma sensação misteriosa e horrível, assim como aos outros dava uma misteriosa sensação de encantamento.

No momento exato em que o Sr. Castor dizia o poema sobre a “carne de Adão e o osso de Adão”, Edmundo saiu de mansinho, fazendo girar mais de mansinho ainda a maçaneta da porta. Antes que o Sr. Castor dissesse que a Feiticeira Branca não era de fato humana, mas da raça dos gênios e dos gigantes, Edmundo estava lá fora.

Não pense que Edmundo era tão ruim a ponto de desejar ver o irmão e as irmãs transformados em estátuas de pedra. O que ele queria simplesmente era comer manjar turco, ser príncipe (e mais tarde rei) e vingar-se de Pedro, que o chamara de “cavalo”. Quanto ao que a feiticeira pudesse fazer aos irmãos, não queria que fosse coisa muito boa (sobretudo que ela não os colocasse no mesmo nível dele). Mas estava convencido (ou tentava convencer-se) de que ela não poderia ser tão má como diziam. “Porque” – pensava ele – “os que falam mal

dela são os inimigos, e é provável que metade do que dizem não seja verdade. Aliás, comigo foi bastante amável, muito mais do que qualquer um deles. Que bom se ela for a verdadeira rainha! É melhor do que aquele pavoroso Aslam!” Foi essa, pelo menos, a desculpa que Edmundo arranjou para justificar o próprio comportamento. Mas a desculpa não era lá essas coisas, pois no fundo sabia que a feiticeira era cruel.

Lá fora, a primeira coisa que percebeu quando viu a neve foi que havia esquecido o casaco na casa dos castores. Mas nem podia pensar em voltar. Viu também que o dia estava no fim. Eram três horas quando começaram a comer, e os dias de inverno são muito curtos. Não contava com isso: agora tinha de aproveitar a pouca luz que restava. Levantou a gola e lá se foi, arrastando-se sobre o dique na direção da outra margem (felizmente o dique estava muito menos escorregadio).

A coisa estava feia. Escurecia depressa e a neve dançava em flocos em torno dele. Não via um palmo adiante do nariz. Ainda por cima, não havia estrada. Afundava-se a todo instante em enormes fendas abertas na neve, patinhava em charcos gelados, tropeçava em troncos caídos, escorregando por encostas íngremes, esfolando as pernas nas pedras, até que ficou encharcado até os ossos, morto de frio e cheio de arranhões. Tinha medo do silêncio e da solidão. Estou certo de que teria abandonado o projeto e voltado para contar tudo e fazer as pazes com os outros, se, a certa altura, não dissesse com seus botões: “Quando eu for o rei, minha primeira medida vai ser mandar construir estradas decentes!” Daí, passou naturalmente a imaginar-se rei, a pensar nas mil e uma coisas que haveria de fazer. Sentiu-se até mais animado. Escolheu o tipo de palácio que mandaria construir; decidiu de quantos carros precisava; imaginou todos os pormenores de seu cinema particular; estabeleceu por onde deviam passar as principais linhas de estrada de ferro; pensou nas leis que enviaria ao Parlamento contra os castores e as drogas de seus diques... Dava os últimos retoques a algumas medidas indispensáveis para enquadrar Pedro, quando, de súbito, o tempo mudou. Primeiro, foi a neve que deixou de cair. Em seguida, veio um vento forte, acompanhado de intenso frio. Finalmente, as nuvens se afastaram, mostrando uma lua cheia, redondíssima, que, brilhando sobre a neve, deixou tudo tão claro como se fosse dia. Só as sombras faziam certa confusão.

Edmundo nunca teria dado com o caminho se a lua não tivesse surgido no momento em que ele chegou ao outro rio – você se lembra que ele viu (quando chegaram à casa dos castores pela primeira vez) um rio menor, afluente do rio grande mais abaixo. Agora, tendo chegado ao rio menor, virou-se decidido a segui-lo. Mas o vale ao qual levava o rio era muito mais íngreme e escarpado

que o primeiro, e todo coberto de arbustos. Às escuras, era difícil orientar-se nele. Mesmo assim, Edmundo ficou encharcado até os ossos, pois a todo instante tinha de abaixar-se e esgueirar-se sob os ramos, caindo-lhe sobre as costas montões de neve. Cada vez que isso acontecia, sentia redobrar nele o ódio a Pedro, como se o irmão fosse o culpado de tudo.

Ao fim de muito tempo, conseguiu chegar a um lugar mais plano, onde o vale se alargava. Do outro lado do rio, bem perto, no meio de uma planície, entre duas colinas, viu o que devia ser a casa da feiticeira. O luar estava mais belo do que nunca. A casa era de fato um pequeno castelo e parecia ser toda feita de torres de longas espirais pontiagudas, afiadas como agulhas. Faziam lembrar aqueles chapéus bicudos dos feiticeiros ou os gorros que os meninos usavam de castigo na escola. E as torres brilhavam ao luar, alongando sombras sinistras sobre a neve. Edmundo começou a sentir medo.

Mas era tarde demais para voltar. Atravessou o rio gelado, em direção ao castelo. Tudo imóvel, um silêncio absoluto. O som de seus passos morria na neve funda. Foi andando, andando, rodeou o castelo, passando por várias torres até dar com uma porta. Foi preciso dar uma volta inteira. A entrada era um arco enorme, mas os pesados portões de ferro estavam abertos.

Aproximou-se cautelosamente e olhou o pátio, onde um espetáculo inesperado quase lhe fez parar o coração. Junto dos portões, batido de luar, viu um leão imenso, agachado como se fosse pular. Com os joelhos trêmulos, Edmundo permaneceu na sombra, sem poder avançar ou recuar. Ficou tanto tempo imóvel, que seus dentes teriam começado a bater de frio, se já não batessem de medo. Não sei dizer realmente quanto tempo passou; para Edmundo pareceram horas.

A certa altura, começou a imaginar por que motivo o leão estaria tão quieto: não se mexera um centímetro desde que o vira. Chegou um pouco mais perto, tendo o cuidado, tanto quanto possível, de conservar-se na sombra. Foi aí que, pela posição do leão, concluiu que não podia ter sido visto. “E se ele virar a cabeça?” – pensou. Na realidade, o leão olhava atento para outra pessoa, nada mais, nada menos que um anãozinho, de costas, a pouca distância.

– Ah! Quando se lançar para cima do anãozinho, eu saio correndo!

Mas o tempo passava, e o leão e o anãozinho continuavam imóveis. Até que, finalmente, Edmundo se lembrou do que ouvira dizer sobre a Feiticeira Branca, que transformava os seres vivos em estátuas de pedra. Aquele leão talvez fosse de pedra... Reparou também que o dorso e a cabeça do leão estavam cobertos de neve. Sem dúvida: era uma estátua. Nenhum ser vivo deixaria que a neve o cobrisse daquela maneira. Muito devagar, com o coração a saltar do peito,

encaminhou-se para o leão, mas não ousou tocá-lo. Só depois de muito tempo, num movimento rápido, estendeu a mão e viu que era pedra fria. Tinha sentido medo de uma estátua!

Foi um alívio imenso, tanto que, apesar do frio, se sentiu envolvido por uma onda de calor, ao mesmo tempo que teve uma ideia que lhe pareceu maravilhosa: “Provavelmente... é o grande Aslam, de quem todos falam. Já foi apanhado e virou pedra. Aqui está o fim de todos os belos sonhos daqueles lá. Bacana! E ainda há quem tenha medo de Aslam!”

Ficou gozando do leão de pedra, até que fez uma grande criancice: tirou do bolso um toco de lápis, cobrindo com um bigodão preto o beijo superior do leão e desenhando-lhe um par de óculos.

– Taí, Aslam, seu grande boboca! Está gostando de ser estátua? Pensava que era muito esperto, hein?

Apesar dos rabiscos, a expressão do gigantesco animal era ainda tão terrível, tão triste, tão digna, com os olhos perdidos no luar, que Edmundo não conseguiu divertir-se com a brincadeira. Passou pelo leão e foi andando pelo pátio.

Ao chegar no centro, viu que havia dezenas de estátuas espalhadas por todos os lados, como peças num tabuleiro de xadrez, durante a partida. Havia sátiros de pedra, lobos, raposas, gatos selvagens. Havia também lindas figuras, que pareciam mulheres e que eram na verdade os espíritos que vivem nas árvores. Havia ainda a estátua enorme de um centauro, um cavalo alado e uma figura, alongada e frágil, que tomou por um dragão. Tinham todos um ar tão estranho de coisas vivas, mas imóveis, no luar branco e frio, que ele atravessou o pátio com a sensação de quem vive um conto de fadas. Exatamente no centro, elevava-se a figura de um homem da altura de uma árvore, de expressão severa, barba em profusão, com um varapau enorme na mão direita. Mesmo sabendo que se tratava apenas de um gigante de pedra, e não de carne e osso, Edmundo estremeceu ao passar por ele.

Depois reparou na luz mortiça que vinha de uma porta, no lado mais afastado do pátio. Dirigiu-se para lá e encontrou uma escada que conduzia a uma porta aberta. Subiu. Deitado, à entrada, estava um lobo enorme.

– Não há perigo! Não há perigo! – repetia, tentando tranquilizar-se. – É um lobo de pedra. Não pode fazer nada.

Levantou a perna para passar por cima do lobo. A criatura, monstruosamente grande, levantou-se, de pelo eriçado, escancarou a boca rubra e rosnou:

– Quem está aí? Pare, intruso. Quem é você?

– Com licença, Sr. Lobo – começou Edmundo, tremendo tanto, que mal podia falar. – Meu nome é Edmundo, e sou o Filho de Adão que Sua Majestade a

Rainha encontrou há poucos dias no bosque. Venho para contar que meu irmão e minhas irmãs estão neste momento em Nárnia... aqui pertinho, na casa dos castores. Ela... ela quer vê-los.

– Vou informar Sua Majestade – falou o lobo. – Espere aqui e não se mexa, se gosta de viver.

Desapareceu dentro da casa. Edmundo esperou em pé. Os dedos gelados doíam-lhe, o coração batia descompassadamente. Por fim, o lobo cinzento, Maugrim, chefe da polícia secreta, voltou aos saltos:

– Entre, entre, ditoso favorito da Rainha. Ditoso ou desditoso, quem sabe?

Entrou, tendo o cuidado de não pisar nas patas do chefe da polícia secreta. Viu-se logo num saguão comprido e sombrio, com muitos pilares e, como o pátio, cheio de estátuas. A que estava mais perto da porta era a de um pequeno fauno, com uma expressão muito triste. Seria o amigo de Lúcia? A pouca claridade que havia chegava de um único lampião, junto do qual estava sentada a Feiticeira Branca.

– Aqui estou, Majestade – disse Edmundo, avançando, aflito.

– Como se atreve a vir sozinho? – perguntou a feiticeira em tom de ameaça. – Não dei ordem para que trouxesse seus irmãos?

– Perdão, Majestade. Fiz o que pude. Eles estão aqui perto... na casinha que fica sobre o dique, no rio, onde vive o casal de castores.

Um sorriso cruel desenhou-se lentamente no rosto da feiticeira.

– É tudo quanto tem a dizer?

– Não, Majestade – respondeu Edmundo, apressando-se em contar tudo o que ouvira na casa dos castores.

– O quê!? Aslam! Aslam! Será possível? Se descubro que é mentira sua...

– Perdão. Estou só repetindo o que ouvi – gaguejou Edmundo.

Mas a rainha já deixara de preocupar-se com ele e batia palmas. E logo apareceu o anão que antes a acompanhava na floresta.

– Prepare o trenó – ordenou a Feiticeira Branca. – E tire os guizos dos arreios.

CAPÍTULO DEZ

O ENCANTAMENTO COMEÇA A QUEBRAR-SE



Logo que o Sr. Castor declarou que não havia tempo a perder, começaram todos a enfiar os casacos, menos a Sra. Castor, que se pôs a apanhar sacos e a colocá-los em cima da mesa.

– Sr. Castor, passe-me aquele presunto – disse ela. – Aqui também está um pacote de chá, açúcar e fósforos. Um de vocês apanhe dois ou três pães, na arca daquele canto.

– O que a senhora está fazendo? – perguntou Susana.

– Arranjando merenda para todos, minha filha. É bom levar alguma coisa para comer, não é?

– Mas é que não temos tempo! – protestou Susana, abotoando o casaco até em cima. – Ela pode aparecer a qualquer minuto.

– É o que eu digo! – concordou o castor.

– Não sejam bobos! Ela demora uns bons quinze minutos até chegar aqui.

– Mas precisamos ganhar tempo para ver se chegamos à Mesa de Pedra antes dela – disse Pedro.

– É isso – insistiu Susana. – Quando vir que não estamos aqui, sairá atrás de nosso rasto como um foguete.

– Ah, isso vai – concordou a Sra. Castor. – Ela vai de trenó, e nós vamos a pé: nunca chegaremos antes.

– Tudo está perdido, então? – perguntou Susana.

– Deixe de aflições, minha filha, e vá buscar naquela gaveta meia dúzia de lenços. Claro que não está tudo perdido. Não chegaremos antes dela, mas poderemos escolher um caminho diferente daquele que ela pensa. Assim talvez a

gente escape.

– Muito bem, muito bem – disse o marido. – Mas a esta hora já devíamos estar a caminho.

– Ai, vida minha, não comece o senhor também a me atrapalhar. Vamos... assim... não, assim. Aqui estão quatro saquinhos: o menorzinho para a menorzinha; é para você, minha querida! – acrescentou, voltando-se para Lúcia.

– Pelo amor de Deus, vamos – disse Lúcia.

– Estou quase pronta. – A Sra. Castor permitiu que o marido a ajudasse a calçar as botas de andar na neve. – A máquina de costura deve ser um pouco pesada para levar, não é?

– Pesada? – disse o marido. – Pesadíssima! Ou será que a senhora acha que vai ter tempo de costurar pelo caminho?

– A ideia de que aquela bruxa é capaz de mexer nela... quebrar... até roubar...

– Por favor, vamos logo? – disseram em coro os três.

Saíram finalmente. O Sr. Castor fechou a porta a chave (“Isto vai atrasá-la um pouco mais”, explicou), e começaram a andar, cada um com seu farnel às costas.

A neve cessara e a lua aparecera. Iam em fila indiana: primeiro, o Sr. Castor, depois Lúcia, Pedro, Susana e, por fim, a Sra. Castor. Atravessado o dique, seguiram ao longo do rio por uma vereda estreita, que se alongava entre as árvores. As encostas do vale alteavam-se sobre as cabeças dos viajantes, banhadas de luar.

– É melhor ir aqui por baixo – propôs o Sr. Castor –, pois não há trenó que desça aqui; ela terá de ir por cima.

Teria sido muito agradável estar sentado numa boa poltrona, apreciando a paisagem pela janela. Mesmo assim, Lúcia não deixou de se divertir, a princípio. Mas, pouco a pouco, com o saco pesando-lhe nas costas cada vez mais, ela imaginava se teria forças para chegar até o fim. Não reparou na superfície gelada do rio, nas quedas-d’água transformadas em cascatas de gelo, nos montões de neve branca que se acumulavam no alto das árvores, na grande lua resplandecente, no céu crivado de estrelas. Só conseguia olhar para as perninhas curtas do Sr. Castor, tope-tope, tope-tope, como se aquela caminhada pela neve não fosse terminar nunca. Lúcia estava tão cansada que quase dormiu andando. De repente percebeu que o Sr. Castor virara para a direita, afastando-se da margem do rio, levando-os por uma encosta íngreme, onde o mato era mais espesso. Despertou completamente quando o Sr. Castor desapareceu num buraco que os arbustos ocultavam. Quando deu pelo que estava acontecendo, só pôde ver a pontinha da cauda desaparecer pelo buraco.

Ela abaixou-se e começou a rastejar atrás do castor. Ouviu às costas o ruído de quem se arrasta, ofegante. Daí a pouco estavam os cinco dentro da caverna.

– Por que isso? – perguntou Pedro, numa voz que na escuridão soou cansada e pálida. (Espero que você saiba o que é uma voz pálida.)

– É um velho esconderijo dos castores, para situações de grande perigo – explicou o Sr. Castor. – É um segredo nosso. Não é muito confortável, mas aqui poderemos dormir um pouco.

– Se vocês não estivessem com tanta pressa, teria trazido umas almofadas – disse a Sra. Castor, em tom de censura.

Para Lúcia, a caverna não era tão agradável quanto a do Sr. Tumnus – na verdade, era um simples buraco –, mas pelo menos estava seca. No pequeno espaço, eles pareciam um monte de roupas. Mas se sentiam bem aconchegados. Se pelo menos o chão fosse um pouquinho mais liso! Foi aí que a Sra. Castor passou a todos, no escuro, um frasco de onde beberam qualquer coisa que fazia tossir e engasgar. Mas, uma vez bebida, a coisa dava um calor delicioso... e adormeceram instantaneamente.

Lúcia teve a impressão de que tinham passado uns poucos minutos. Na realidade, foram horas. Acordou com frio, o corpo doído, sonhando com um banho quente. Depois sentiu uns compridos bigodes que lhe faziam cócegas no rosto e viu que a luz fria da manhã já entrava pela boca da caverna. Mas estava totalmente acordada, e os outros também. Todos estavam sentados, boquiabertos e de olhos arregalados, dando toda a atenção a um som – aquele mesmo som que estavam imaginando (e que quase chegaram a escutar) durante o passeio da noite anterior. Era o tilintar de muitas sinetas.

O Sr. Castor saiu do esconderijo, rápido como uma flecha. Você pode achar, como Lúcia achou, que foi uma bobagem da parte dele. Pelo contrário, foi uma coisa muito ajuizada. Ele sabia que podia rastejar entre as moitas, sem ser visto, até o alto da montanha. Queria saber, antes de tudo, que rumo tomava o trenó da feiticeira. Os outros ficaram à espera, imaginando o que poderia ter acontecido. Esperaram cinco minutos, até que ouviram algo que os fez estremecer de pavor. Eram vozes!

– Só pode ter sido apanhado! – pensou Lúcia.

Foi grande o espanto geral quando ouviram a voz do Sr. Castor, do lado de fora da caverna:

– Não há perigo. Pode vir, Sra. Castor. Venham todos, Filhos de Adão. Tudo bem! Não é *dela*!

A gramática estava errada, mas é assim que os castores falam quando estão excitados, isto é, em Nárnia, porque em nosso mundo não abrem o bico,

geralmente.

A Sra. Castor e as crianças correram para fora, piscando por causa da luz, sujas de terra, descabeladas, muito desarrumadas, esfregando os olhos de sono.

– Venham! – repetia o castor, quase dançando de alegria. – Venham só ver! Que surpresa para a feiticeira! O poder dela já está balançando.

– Que se passa, Sr. Castor? – perguntou Pedro, ofegante, subindo pela encosta íngreme.

– Não disse a vocês que, por artes dela, era sempre inverno e o Natal nunca chegava? Não disse? Pois vejam agora!

E, de fato, lá em cima todos puderam ver.

Era um trenó puxado por duas renas, com sinetas tilintando nos arreios. Renas muito maiores que as da feiticeira, mas eram castanhas, e não brancas. No trenó estava alguém que todos reconheceram à primeira vista. Era um homem alto, vestido de vermelho-vivo como as bagas do azevinho, com um capuz forrado de pele, uma barba branca, tão comprida que lhe cobria o peito como uma queda-d'água espumante. Todos o reconheceram porque, embora essas pessoas só existam em Nárnia, podemos vê-las em gravuras e ouvir a respeito delas, mesmo em nosso mundo – o mundo que fica do lado de cá da porta do guarda-roupa. Oh! Mas quando se tem a sorte de ver essa gente em Nárnia é muito diferente! Alguns dos postais coloridos de Papai Noel que podemos ver em nosso mundo mostram um velho engraçado e bonachão. Não era bem assim para as crianças. Era tão grande, tão alegre e tão real, que ficaram paralisadas de espanto. E, apesar de todo o contentamento, sentiam também que era um momento solene.

– Aqui estou, afinal! – disse ele. – Ela me impediu de vir durante muito tempo, mas acabei chegando. Aslam está a caminho. O poder mágico da feiticeira já começou a declinar.

Lúcia sentiu-se percorrida por aquele calafrio de alegria que só sentimos nas solenidades imponentes e tranquilas.

– E agora – prosseguiu Papai Noel – vamos aos presentes! Aqui está uma máquina de costura nova, último modelo, para a Sra. Castor. Vou deixá-la na casa, quando passar por lá.

– Queira desculpar – disse ela, fazendo uma reverência –, mas a casa está fechada.

– Fechaduras e chaves não têm a menor importância para mim – respondeu Papai Noel. – Quanto ao seu presente, Sr. Castor, quando voltar, vai encontrar o seu dique terminado, consertado em todos os pontos onde vazava água, e, além disso, uma comporta novinha em folha.

O Sr. Castor ficou tão alegre que sua boca se abriu totalmente, mas então ele descobriu que não conseguia dizer uma palavra.

– Pedro, Filho de Adão – continuou Papai Noel.

– Presente! – disse Pedro.

– Presentes para você. São ferramentas, e não brinquedos. Talvez não esteja longe o dia em que precisarão usá-las. Com honra!

E entregou a Pedro um escudo e uma espada. O escudo era cor de prata, com um leão rubro no centro, lustroso como um morango pronto para ser colhido. A espada tinha punho de ouro, bainha, cinto, tudo, e parecia feita sob medida. Pedro recebeu os presentes em grave silêncio, sentindo que se tratava de uma coisa muito séria.

– Susana, Filha de Eva! Isto é para você. – E Papai Noel entregou-lhe um arco, uma aljava cheia de setas e uma trompazinha de marfim. – Só deve usar o arco em grande risco, pois não quero que você tome parte ativa na luta. Raras vezes falha o alvo. Quanto à trompa, é só levá-la aos lábios e tocar: auxílio lhe virá de alguma parte.

– Lúcia, Filha de Eva! – Papai Noel estendeu-lhe uma garrafinha, que parecia de vidro (houve mais tarde quem dissesse que era de diamante) e um punhal muito pequeno. – Esta garrafa contém um tônico feito do suco de uma flor de fogo que cresce nas montanhas do sol. Se um amigo estiver ferido, bastam algumas gotas para curá-lo. O punhal é para a sua defesa, em caso de extrema necessidade. Porque você também não deve entrar na luta.

– Por que não, meu senhor? – disse Lúcia. – Acho que... bem, não sei... mas acho que eu era capaz de não ter medo!

– O problema não é esse. É que as batalhas são mais feias quando as mulheres tomam parte nelas. E agora – continuou, com uma expressão muito menos solene –, agora aqui está para vocês todos!...

E Papai Noel apresentou-lhes (deve ter tirado do grande saco, mas a verdade é que ninguém deu por isso) uma enorme bandeja, com cinco taças de chá, com os respectivos pires, um açucareiro, uma tigelinha de creme de leite e uma grande chaleira ainda a chiar. E gritou em seguida:

– Feliz Natal! Viva o Verdadeiro Rei! – Estalou o chicote e desapareceram, ele, as renas, o trenó, tudo, antes que os outros se dessem conta de que tinham ido embora.

Pedro mostrava a espada desembainhada ao Sr. Castor quando ouviu a voz da Sra. Castor:

– Vamos deixar de conversa, que o chá esfria. Os homens, vocês sabem, são um caso sério. Vamos, ajudem-me a levar a bandeja lá para baixo e vamos ao

chá. Ainda bem que não me esqueci de trazer a faca de pão.

Desceram a encosta íngreme de volta à caverna, onde o Sr. Castor, em meio ao contentamento geral, cortou o pão e o presunto para fazer sanduíches. A festa ainda estava animada quando Sr. Castor anunciou:

– Está na hora, pessoal. Vamos em frente.

CAPÍTULO ONZE

A APROXIMAÇÃO DE ASLAM



Enquanto isso, Edmundo estava cada vez mais descontente da vida. Quando o anão desapareceu para aprontar o trenó, esperava que enfim a feiticeira voltasse a ser boazinha, como no primeiro encontro. Mas nem abriu a boca, a malvada. Edmundo juntou todas as suas energias para dizer:

– Majestade, não poderia dar-me um pouquinho de manjar turco? A senhora... a senhora disse...

Foi logo interrompido:

– Silêncio, debiloide humano!

Depois pareceu mudar de ideia e, como se falasse para si mesma, disse:

– Mas não me convém que este fedelho tenha um chilique no caminho. – E bateu palmas.

Apareceu um outro anão.

– Dê de comer e beber ao debiloide humano.

O anão voltou daí a pouco com uma tigela de ferro contendo água e um pedaço de pão seco num prato também de ferro. Exibiu um repelente sorriso de escárnio ao colocar as coisas no chão:

– Manjar turco para o príncipezinho! Ah! Ah! Ah!

– Tire esse troço daí! – ordenou Edmundo mal-humorado. – Nunca comi pão seco em minha vida.

Mas a feiticeira voltou-se para ele com uma cara tão terrível que o menino pediu desculpas e começou a morder o pão, tão duro que mal lhe descia pela garganta.

– E fique contente com isso, por enquanto – disse a feiticeira.

Edmundo não tinha acabado de mastigar, quando o primeiro anão veio avisar que o trenó estava pronto. A feiticeira ordenou a Edmundo que a seguisse. A neve caía de novo quando chegaram ao pátio, mas ela nem notou, obrigando Edmundo a sentar-se a seu lado no trenó. Antes da partida, chamou Maugrim, que se aproximou aos saltos, como um cão gigante.

– Escolha o mais rápido dos seus lobos e parta imediatamente com ele para a casa dos castores. Mate tudo o que encontrar por lá. Se já tiverem partido, siga para a Mesa de Pedra a toda a velocidade, sempre sem ser visto. Depois esconda-se e espere por mim. Tenho de andar muitas léguas para o poente até encontrar um lugar onde atravessar o rio. Pode ser que você encontre criaturas humanas antes de chegar à Mesa de Pedra. Nesse caso, já sabe o que fazer!

– Ouvir é obedecer, ó rainha – rosnou o lobo, desaparecendo imediatamente na escuridão, veloz como um cavalo em disparada.

Dentro de dez minutos, acompanhado de outro lobo, chegava ao dique, farejando a casa dos castores. Nada encontraram, naturalmente. Teria sido horrível para os castores e as crianças se não tivesse começado a nevar, pois os rastros estariam visíveis... e quase certamente teriam sido apanhados antes de chegar à caverna.

Enquanto isso, o anão castigava as renas. A feiticeira e Edmundo, passando por debaixo do arco, penetraram na escuridão gelada. Para Edmundo, que nem tinha casaco, foi uma viagem horrorosa. Quinze minutos depois, já estava todo coberto de neve. Desistiu até de sacudi-la, pois não adiantava nada. E sentia-se tão cansado! Estava molhado até os ossos. Como se sentia desgraçado! A feiticeira não tinha a intenção de torná-lo rei. Via agora a burrice que fora tentar convencer a si mesmo de que ela era boa pessoa e que tinha razão. Naquele momento, daria tudo para estar com os outros... até com Pedro! Só tinha um consolo: pensar que tudo não passava de um sonho, e que podia acordar de um momento para outro. À medida que as horas corriam, tudo acabou mesmo por lhe parecer um sonho.

Seria preciso muitas páginas para descrever essa viagem. Mas vou dar um grande salto e passar para o momento em que a neve cessou de cair e eles deslizavam com a luz do dia. Foram seguindo sempre, sempre, num silêncio apenas cortado pelo chiar da neve e pelo estalar dos arreios. De repente, a feiticeira exclamou:

– O que é aquilo? Parem!

Pararam.

Edmundo aguardou ansioso que ela falasse em almoço. Mas era outra coisa. A pouca distância, debaixo de uma árvore, estava um grupinho alegre, do qual

faziam parte um esquilo, com a mulher e os filhos, dois sátiros, um anão e uma velha raposa. Todos sentados em banquinhos em volta de uma mesa. Edmundo não conseguiu distinguir a comida, mas o cheiro era uma delícia e pareceu-lhe ver decorações próprias da época de Natal. E não chegou a ter muita certeza se viu ou não algo parecido com um pudim de passas. Quando o trenó parou, a raposa, que era a mais velha entre os presentes, tinha acabado de levantar-se e erguia uma taça na pata dianteira, preparando-se para dizer algumas palavras. Mas, logo que os membros do grupo viram o trenó parar e compreenderam quem ia nele, a alegria sumiu. O esquilo pai deteve o garfo a meio caminho da boca; um dos sátiros parou o garfo já dentro da boca; e os esquilinhos começaram a berrar de medo.

– Que audácia é essa? – perguntou a Feiticeira Branca sem obter resposta. – Falem, seus vermes! Ou preferem que o meu anão lhes abra o bico na ponta do chicote? Que esganação é essa? Onde é que foram arranjar esses enfeites? E esse pudim de passas?

– Perdão, Majestade – disse a raposa. – São presentes que recebemos. Se Vossa Majestade permite, bebo à saúde...

– Quem deu tudo isso?

– Foi o Pa... foi o Pa... foi o Pa-pai No-el – gaguejou a raposa.

– Quem?! – rugiu a feiticeira, saltando do trenó e chegando perto dos pobres animais apavorados. – Mas ele não esteve aqui! Não pode ter estado aqui! Como se atreve... Mas, se for mentira, está perdoada...

Um dos esquilinhos perdeu então a cabeça, inteiramente:

– *Teve aqui... teve aqui... teve aqui*, sim, senhora! – E tascava a colher de madeira na mesa.

Edmundo viu a feiticeira morder os lábios com tanta força que uma manchinha de sangue pintou sua face pálida. Depois, ela levantou a vara mágica.

– Oh, não! Não! Por favor! – implorou Edmundo.

Mal disse e, onde pouco antes estivera aquela turminha alegre, viam-se agora estátuas de bichos (um deles com o garfo de pedra a meio caminho da boca de pedra), todos sentados em torno de uma mesa de pedra, sobre a qual estavam colocados pratos de pedra e um pudim feito da mesmíssima pedra.

– E você – disse a feiticeira, dando em Edmundo uma bofetada que o deixou tonto –, aprenda a não pedir misericórdia para espiões e traidores. Vamos!

Edmundo, pela primeira vez desde que esta história começou, sentiu pena de alguém que não fosse ele mesmo. Pareceram-lhe tão dignas de dó aquelas figurinhas de pedra, sentadas ali, entra ano sai ano, dias de silêncio, noites de escuridão, até que o musgo as cobrisse e os séculos as desfizessem em pó!

Puseram-se a correr novamente, e então Edmundo reparou que a neve era muito mais úmida que na noite anterior. Reparou também que sentia muito menos frio e que um pouco de nevoeiro ia-se formando. E o trenó já não deslizava com tanta rapidez. Pensou a princípio que as renas estivessem cansadas, mas logo compreendeu que a verdadeira razão não era essa. O trenó balançava, sacudido por solavancos, como se estivesse batendo em pedras. E por mais que o anão as chicoteasse, as renas avançavam cada vez mais lentamente. Ao mesmo tempo, havia um ruído estranho em torno, mas o barulho da corrida e os tropeções e os gritos do anão não permitiam a Edmundo perceber o que era. Até que, de repente, o trenó ficou enterrado e não mais andou. Um momento de silêncio. E, no silêncio, o menino pôde prestar atenção ao ruído: era um som estranho, agradável, cantante, sussurrante... No fim das contas, não era assim tão estranho: tinha ouvido aquilo antes... mas não sabia dizer onde. Lembrou-se de repente. Era barulho de água corrente. Por toda parte, invisíveis, corriam fios de água – cochichando, conversando, cantando, borbulhando e até rugindo, distante. E o coração de Edmundo deu um pulo (mesmo sem saber o motivo) quando ele verificou que não havia mais geada. Gotejava dos ramos. Ao examinar atentamente uma árvore, viu desprender-se dela uma pesada crosta de neve: era a primeira vez, desde que entrara em Nárnia, que via o tronco de um abeto. Já não teve tempo de observar, porque a feiticeira gritou:

– Não fique aí de boca aberta, seu paspalhão! Ajude-me!

Edmundo teve de obedecer. Pulou para a neve – que era uma lama líquida – e começou a ajudar o anão a puxar o trenó do buraco lamacento. Conseguiram, por fim. O anão, tratando cruelmente as renas, fez com que avançassem um pouco mais. A neve agora derretia-se pra valer; tapetes de relva começavam a surgir em todas as direções. Se você nunca viu um mundo de neve por tanto tempo, como Edmundo, não poderá compreender o alívio que eram aquelas manchas verdes, depois das grandes e brancas solidões. Mas o trenó parou de novo.

– Não há nada a fazer! – exclamou o anão. – Não podemos continuar de trenó com a neve derretendo.

– Então vamos a pé – declarou a feiticeira.

– Não conseguiremos apanhá-los – resmungou o anão. – Estão muito na frente.

– É meu conselheiro ou meu escravo? É uma ordem: amarre as mãos do debiloide humano nas costas e segure a ponta da corda. Pegue o chicote e solte as renas, que elas hão de achar o caminho.

O anão obedeceu. Edmundo foi forçado a andar com a rapidez que as pernas lhe permitiam, com as mãos amarradas para trás. Escorregava na neve derretida,

na lama, na relva úmida, e, cada vez que isso acontecia, o anão soltava uma imprecisão, às vezes acompanhada de uma chicotada. Atrás, a feiticeira ia repetindo:

– Mais depressa! Mais depressa!

Os tapetes relvados iam aumentando e as extensões nevadas diminuía. De minuto a minuto, outras árvores decidiam sacudir os mantos alvos de neve. Não tardou que, para onde quer que se olhasse, em vez de vultos brancos, surgissem o verde-escuro dos abetos e os ramos negros e espinhosos dos carvalhos, das faias, dos olmos. Depois, o nevoeiro de branco passou a dourado, até desaparecer por completo. Deliciosos raios de sol projetavam-se sobre a floresta, enquanto, lá no alto, o céu azul olhava entre as copas das árvores.

Outras coisas maravilhosas foram acontecendo. Numa clareira de plátanos prateados, o chão estava todo coberto de florzinhas amarelas; o ruído das águas, cada vez mais forte. Ali perto passava um riacho; do outro lado desabrochavam narcisos.

– Deixe as flores de lado! – repreendeu o anão, vendo que Edmundo virava a cabeça a toda hora, e deu um puxão perverso na corda.

Mas Edmundo continuava vendo. Botões de açafão cresciam em torno de uma velha árvore, em tons de ouro, púrpura e branco. E chegou uma música ainda mais deliciosa que o murmúrio das águas. Empoleirado num ramo, um passarinho começou a chilrear. Um outro respondeu mais adiante. Como se fosse um sinal, ouviram-se trinos e gorjeios por toda parte e todos começaram a cantar ao mesmo tempo. Em poucos minutos, o bosque ressoava com a música da passarada. Eram passarinhos por todos os recantos, pousando nas margens, levantando voo para o céu, perseguindo uns aos outros, discutindo, alisando as penas com o bico.

– Mais depressa! Mais depressa!

O céu estava todo azul; só de vez em quando umas nuvens brancas passavam, apressadas. Nas grandes clareiras havia malmequeres. A brisa leve atirava gotas de orvalho dos ramos oscilantes no rosto de Edmundo. As árvores voltavam à vida, algumas vestidas de verde, outras cobertas de dourado. Uma abelha atravessou o caminho zumbindo.

– Isso não é degelo – disse o anão, parando de repente. – É a própria primavera! E agora, o que vamos fazer? O seu inverno está sendo destruído, Majestade! Não há dúvida alguma! Só pode ser obra de Aslam!

– Se alguém mencionar de novo esse nome, morre imediatamente! – esbravejou a feiticeira.

CAPÍTULO DOZE

A PRIMEIRA BATALHA DE PEDRO



A dez quilômetros de distância da feiticeira, os castores e as três crianças caminhavam no que lhes parecia o melhor dos sonhos. Havia muito que tinham abandonado os casacos. Tinham deixado até de dizer uns aos outros:

– Um pica-pau! Que lindas campânulas! Que perfume maravilhoso! Como canta bem aquele passarinho!

Caminhavam em silêncio, passando de clareiras inundadas de sol para bosques frescos e verdejantes, voltando para planuras cheias de musgos e olmos gigantescos.

A surpresa tinha sido tão grande para eles como para Edmundo, ao verem o inverno sumir e o bosque mudar, como se o tempo tivesse dado um grande salto. Nem mesmo sabiam ao certo (ao contrário da feiticeira) que era isso mesmo que devia acontecer quando Aslam chegasse a Nárnia. Mas sabiam todos que, por encantamento dela, surgira o inverno sem fim. Quando a primavera mágica começou, todos concluíram que alguma coisa estava falhando, desastrosamente falhando, nos planos da feiticeira. Chegaram a compreender com alegria que a feiticeira já não poderia usar o trenó. Deixaram de andar tão depressa e se deram ao luxo de descansos mais frequentes e demorados. Também já estavam cansados, exaustos não, mas cansados, meio molengas e distraídos, mas muito calmos por dentro, como acontece quando se chega ao fim de um longo dia ao ar livre. Susana tinha uma pequena bolha no pé.

Tinham deixado de seguir o rio e viraram um pouco para o sul, onde ficava a Mesa de Pedra. Mesmo que não fosse o caminho certo, teria sido impossível

continuar pelo vale durante o degelo, porque, com toda a neve que derretia, não demorou para que o rio transbordasse e a corrente caudalosa inundasse a vereda por onde seguiam. O sol declinava, a luz ficava mais vermelha, as sombras alongavam-se e as flores já começavam a pensar em dormir.

– Falta pouco – disse o Sr. Castor, guiando-os encosta acima sobre o musgo macio da primavera (tão fofinho sob os pés cansados) para um lugar onde só existiam árvores muito altas e espaçadas. Estavam ofegantes quando chegaram ao topo. Eis o que viram.

Encontravam-se numa grande clareira verde, abraçada por uma floresta que se estendia a perder de vista em todas as direções, menos em frente. Porque aí, longe, no oriente, alguma coisa cintilava e fazia ondas.

– O mar! Puxa! – murmurou Pedro para Susana.

No centro da clareira estava a Mesa de Pedra. Era uma grande pedra cinzenta, bem tosca, sustentada por outras quatro. Parecia muito antiga e estava toda gravada com linhas e figuras esquisitas, caracteres talvez de uma língua desconhecida. Dava uma sensação estranha olhar para ela. Em seguida viram, a um canto, uma barraca armada, um pavilhão magnífico, sobretudo quando os raios do sol incidiam sobre ele. Estava revestido de alguma coisa que parecia seda amarela, cordões vermelhos e cavilhas de marfim; flutuando no alto de uma haste, uma flâmula com um leão rubro, agitada pela brisa do mar. Ouviram música, que vinha da direita. Voltaram-se e viram enfim o que desejavam ver.

Aslam estava em pé, cercado por uma multidão de seres que o rodeavam em semicírculos. Havia espíritos que moram nas árvores e espíritos dos bosques e fontes (driades e náiades, como são chamados em nosso mundo). Levavam nas mãos instrumentos de corda. Eram eles que tocavam. Viam-se também quatro grandes centauros: uma das metades lembrava um cavalo grande, enquanto a metade humana parecia um gigante de expressão séria, mas bonita. Havia ainda um unicórnio e um touro com cabeça de homem, um pelicano, uma águia e um cachorro enorme. E, ladeando Aslam, dois leopardos seguravam, um, a coroa, e outro, a insígnia.

Quanto ao próprio Aslam, nem as crianças, nem os castores souberam o que fazer ou dizer ao vê-lo. Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. Os meninos entenderam logo. Pois, quando tentaram olhar para Aslam de frente, só conseguiram ver de relance a juba de ouro e uns grandes olhos, régios, soleníssimos, esmagadores. Depois, já não tiveram forças para olhar e começaram a tremer como varas verdes.

– Avante! – disse bem baixinho o Sr. Castor.

– Não! – murmurou Pedro. – Vá primeiro.

– Não! Os Filhos de Adão devem ir antes dos bichos – disse o castor, sempre baixinho.

– Susana... – sussurrou Pedro. – Que tal você? As damas primeiro.

– Não! Você é o mais velho.

Quanto mais demoravam, mais perturbados se sentiam. Pedro acabou compreendendo que lhe cabia ser o primeiro. Levantou a espada em saudação, dizendo apressadamente aos outros:

– Venham! Não tenham medo!

Avançou para o Leão e disse:

– Estamos aqui, Aslam!

– Seja bem-vindo, Pedro, Filho de Adão – respondeu Aslam. – Bem-vindas, Susana e Lúcia, Filhas de Eva. Bem-vindos, Sr. e Sra. Castor.

A voz, profunda e generosa, teve o efeito de um calmante. Ficaram alegres e animados, não mais perturbados por estarem ali sem dizer uma palavra.

– Mas por onde anda o quarto humano? – perguntou Aslam.

– Quis traí-los e aderiu à Feiticeira Branca, Aslam – respondeu o Sr. Castor.

Num impulso, Pedro disse:

– Em parte, foi culpa minha, Aslam. Fiquei zangado com ele...

Aslam nada disse; ficou simplesmente olhando para Pedro com os seus olhos enormes.

– Por favor... Aslam – disse Lúcia –, não podemos fazer algo para salvar Edmundo?

– Faremos o que for preciso. Mas pode ser mais difícil do que você pensa.

O Leão guardou silêncio por certo tempo. Lúcia então reparou que sua expressão (apesar de imponente, régia e calma) também era triste. Mas a tristeza não demorou muito. Ele sacudiu a juba, bateu as patas (“Que terríveis patas seriam” – pensou Lúcia – “se ele não soubesse como torná-las macias!”) e disse:

– Enquanto isso, preparem o festim! Senhoras, levem para a barraca real estas Filhas de Eva e tomem conta delas.

Afastadas as meninas, Aslam pousou a pata (apesar de aveludada, muito pesada) em cima do ombro de Pedro:

– Venha, Filho de Adão; vou mostrar-lhe o palácio onde um dia será rei.

Ainda empunhando a espada desembainhada, Pedro acompanhou o Leão ao extremo leste do topo da colina. O Sol se punha por detrás deles: embaixo, estendiam-se a floresta, montanhas, vales e o rio a colear como uma serpente de prata. Além, muito além, ficava o mar; além do mar, o céu, coberto de nuvens

avermelhadas pelo pôr do sol.

Onde o país de Nárnia se encontra com o mar – na foz do grande rio – brilhava alguma coisa no alto de uma colina. Era um castelo com todas as janelas voltadas para Pedro e para o poente, refletindo a luz do Sol. Parecia uma estrela imensa a descansar na praia.

– Aquilo, ó humano, é Cair Paravel, dos quatro tronos, num dos quais você há de sentar-se como rei. É o primeiro a vê-lo por ser o primogênito; e será o Grande Rei, acima de todos os outros.

Pedro não chegou a falar: um ruído estranho feriu o silêncio. Era como um som de clarim, só que mais impressionante.

– É sua irmã que faz soar a trompa – disse Aslam a Pedro, falando baixinho, tão baixo que parecia um rosnado, se não é falta de respeito falar assim.

Por um momento, Pedro não entendeu o que se passava. Aslam, no entanto, disse, acenando com a pata para as criaturas que avançavam:

– Para trás! Deixem que o príncipe conquiste o seu reino!

Aí compreendeu tudo e partiu correndo para o pavilhão, onde assistiu a um horrroso espetáculo.

As náíades e as dríades fugiam em todas as direções. Pálida como a neve, Lúcia corria para ele com suas perninhas curtas. Susana também corria e tentava subir a uma árvore, perseguida por um monstruoso bicho pardo. A princípio, Pedro julgou que fosse um urso; achou depois que era um pastor-alemão, se bem que fosse grande demais para ser um cachorro. Só então viu que era um lobo, que empinava, rosnava, golpeava com as patas no tronco da árvore, o pelo todo eriçado. Susana não conseguia passar do segundo galho, com uma perna suspensa, o pé a uns dez centímetros dos dentes ferozes do polícia secreta da Feiticeira Branca. “Por que ela não sobe mais?” – pensava Pedro. – “Pelo menos, por que não se segura com mais firmeza?” Só então reparou que a pobre garota estava quase desmaiando. Se desmaiasse...

Pedro não estava sentindo uma coragem extraordinária. Verdade seja dita, estava até começando a sentir-se mal... Mas isso não o impediu de fazer o que tinha de ser feito. Correu direto ao monstro e fez menção de vibrar-lhe um golpe com a espada. O golpe não chegou ao alvo. Como um relâmpago, a fera voltou-se, os olhos em fogo, boca escancarada, uivando de raiva. Teria despedaçado o menino, se não estivesse tão raivoso. Mas foi assim. Com toda a força, Pedro enterrou a espada entre as patas do lobo, bem no coração. Seguiu-se um momento pavoroso, de tremenda confusão, como num pesadelo. Pedro lutava desesperadamente. O lobo não parecia nem vivo nem morto. Os dentes do animal bateram em sua testa. Era tudo sangue, calor, pelos e cabelos... Um

momento depois, percebeu que o monstro estava morto; desenterrou a espada, endireitou-se, limpou o suor que lhe cobria o rosto e os olhos. Estava exausto o herói!

Susana, daí a pouco, desceu da árvore. Ficaram, ela e Pedro, muito comovidos quando se encontraram. Não posso negar que houve beijos e choradeira, de parte a parte. Mas em Nárnia isso não causa má impressão em ninguém.

– Depressa! – gritou Aslam. – Centauros! Águias! Há um outro lobo no bosque. Ali... bem atrás de vocês. Vão atrás dele. Deve estar à procura da dona. É a oportunidade de descobrir a feiticeira e de salvar o quarto Filho de Adão.

Num instante, com um bater de cascos e um tatarar de asas, um grupo de velozes criaturas desapareceu nas trevas.

Pedro, ainda respirando mal, viu que estava junto de Aslam.

– Esqueceu de limpar a espada – disse o Leão.

Verdade. Pedro corou ao ver a lâmina brilhante manchada de sangue e de pelos do pólvora secreta. Esfregou a espada na relva, enxugando-a depois no casaco.

– Dê-me a espada. Ajoelhe-se, Filho de Adão! – disse Aslam.

Tocou-o com a lâmina da espada e disse:

– Levante-se, rei Pedro! E, aconteça o que acontecer, nunca se esqueça de limpar a espada!

CAPÍTULO TREZE

MAGIA PROFUNDA NA AURORA DO TEMPO



Depois de andar mais do que imaginava que alguém fosse capaz de andar, Edmundo parou; parou por ordem da feiticeira, num vale escuro. Deixou-se cair sem forças e ficou imóvel, cara no chão, nem se importando com o que pudesse acontecer, contanto que o deixassem ali deitado. Tão cansado estava que não sentia nem fome nem sede.

– Agora, Majestade, não adianta. Já devem estar na Mesa de Pedra – disse o anão desanimado.

– Talvez o lobo fareje onde estamos e nos traga notícias.

– Boas não podem ser.

– Quatro tronos em Cair Paravel. E se só três forem ocupados? A profecia não se cumprirá.

– Que importância tem isso, agora que *Ele* chegou? – O anão não tinha coragem de pronunciar o nome de Aslam na presença de sua senhora.

– Pode ser que não fique aqui muito tempo. E então... cairíamos em cima dos três em Cair Paravel.

– Seria melhor conservar este como refém – disse o anão, chutando Edmundo.

– Para que os outros venham salvá-lo? – replicou a feiticeira, com ar desdenhoso.

– Então o melhor é fazer logo o que se tem a fazer.

– Gostaria que fosse na Mesa de Pedra e não aqui. É o lugar adequado. Essas coisas sempre foram feitas lá.

– Longe ainda está o dia em que a Mesa de Pedra voltará a servir para o fim que lhe convém – disse o anão.

– É verdade – concordou a feiticeira. – Assim sendo, vamos à coisa...

Nesse momento, um lobo precipitou-se ao encontro deles, rosnando:

– Estão na Mesa de Pedra com *Ele*. Mataram o capitão Maugrim. Vi tudo, escondido. Foi um Filho de Adão. Fuja! Fuja!

– Fugir, isso nunca! Convoque todo o meu povo aqui. Chame os gigantes, os velhos lobos e os espíritos das árvores que estão ao nosso lado. Reúna os vampiros, os duendes, os ogres, os minotauros. Chame os vulpinos, as bruxas, os espectros, as almas dos cogumelos bravos. Vamos lutar. Ah! Não tenho ainda a minha vara? Com ela não transformei as hostes deles em estátuas de pedra? Agora vá. Tenho um trabalhinho a fazer na sua ausência.

O bruto fez um sinal com a cabeça, deu meia-volta e se foi.

– Ora, mesa não temos... Espere aí... O mais prático é atá-lo ao tronco de uma árvore.

Edmundo sentiu-se agarrado brutalmente e forçado a manter-se de pé. O anão amarrou-o fortemente a uma árvore. À vista de Edmundo, a feiticeira abriu o manto, deixando aparecer dois braços nus, aflitivamente brancos. E só os viu porque eram mesmo muito brancos, mas não distinguiu quase mais nada, tal era a escuridão que reinava.

– Prepare a vítima.

O anão desabotoou a camisa de Edmundo. Pegando o menino pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás, forçando-o a levantar o queixo. Edmundo ouviu um ruído esquisito: ...zzz...zzz...zzz... A princípio não conseguiu perceber o que era, mas depois compreendeu que alguém estava afiando uma faca.

E ouviu gritos que vinham de todas as direções... um repicar de cascos, um tatarar de asas... e um grito agudo da feiticeira... Reinava em torno a maior confusão. Alguém o desatava da árvore. Vozes vibrantes e bondosas falavam com ele...

– Deitem-no... Deem-lhe um pouco de vinho... Beba isso... Coragem!... Não é nada...

E havia outras vozes: “Quem agarrou a feiticeira?”... “Pensei que você a tivesse agarrado”... “Sumiu depois que soltou o facão”... “Corri mas foi atrás do anão”... “Quer dizer que ela fugiu?”... “Ei, o que é aquilo? Ah, não é nada, apenas um tronco caído.” Foi quando Edmundo perdeu os sentidos.

Os centauros, os unicórnios, os veados e os pássaros (que formavam o batalhão enviado por Aslam no capítulo anterior) puseram-se a caminho, de regresso à Mesa de Pedra, levando consigo o menino. Mas teriam ficado se

pudessem ter visto o que aconteceu em seguida naquele vale.

O silêncio era absoluto. A lua começava a brilhar. Se você estivesse lá, teria visto o luar banhar um velho tronco de árvore e uma rocha arredondada. E, se continuasse a olhar, teria pouco a pouco notado qualquer coisa de estranho no tronco e na rocha. O tronco era parecidíssimo com um homem baixo e gordo, agachado no chão. Veria o tronco caminhar ao encontro da pedra e a pedra sentar-se e começar a conversar com o tronco. Porque eram, muito simplesmente, a feiticeira e o anão. Fazia parte dos poderes da feiticeira dar às coisas a aparência daquilo que não eram. Tivera bastante presença de espírito para fazer uso desse dom no instante em que o facão lhe saltou das mãos.

Quando as crianças acordaram na manhã seguinte, tendo dormido na barraca sobre boas almofadas, ouviram a Sra. Castor dizer que Edmundo estava salvo e fora trazido ao acampamento altas horas da noite. Conversava agora com Aslam. Tomaram café e saíram todos, e viram Aslam e Edmundo passeando, lado a lado, sobre a relva úmida. Não é preciso contar para você (e o fato é que ninguém ouviu) o que Aslam dizia. Fique sabendo que foi uma conversa da qual Edmundo jamais se esqueceu. Quando os outros se aproximaram, Aslam voltou-se e, acompanhado por Edmundo, foi ao encontro deles.

– Aqui está o quarto Filho de Adão. E... bem... não vale a pena falar do que aconteceu. O que passou, passou.

Edmundo apertou a mão de todos, repetindo:

– Desculpe...

E cada um respondia:

– Deixe isso pra lá!

Todos queriam dizer alguma coisa, para que não ficasse a menor dúvida de que tudo estava bem outra vez – alguma coisa muito natural e trivial –, mas ninguém conseguiu lembrar-se de nada para dizer. Mas não tiveram tempo de se sentir embaraçados: um dos leopardos chegou e disse para Aslam:

– Senhor, está aí um emissário inimigo que implora audiência.

– Mande-o aqui.

Daí a pouco o leopardo voltou com o anão da feiticeira.

– A que vens, Filho da Terra? – perguntou Aslam.

– A Rainha de Nárnia e Imperatriz das Ilhas Desertas deseja salvo-conduto para vos falar sobre um assunto que tanto interessa a vós como a ela – disse o anão, na ponta da língua.

– Ah! Rainha de Nárnia! – comentou o Sr. Castor. – Mas é muito cara de pau!...

– Calma, Castor – disse Aslam. – Todos os títulos serão restituídos a quem de direito. Não vale a pena discutir por enquanto. – E, voltando-se para o anão: – Diga a sua senhora que o salvo-conduto está concedido, sob a condição de ela deixar a vara mágica debaixo daquele grande carvalho.

Aceita a condição, dois leopardos acompanharam o anão, para ver se tudo seria feito conforme o combinado.

– E se ela transformar os leopardos em estátua de pedra? – murmurou Lúcia para Pedro.

Acho que os leopardos tiveram a mesma ideia. Estavam completamente arrepiados, de rabo em pé, como um gato na presença de um cão estranho.

– Não tenha medo – cochichou Pedro. – Ele sabe o que faz.

Pouco depois, era a própria feiticeira que aparecia no alto da colina, dirigindo-se sem hesitar para junto de Aslam. Os três, que nunca a tinham visto, sentiram um frio na barriga quando a olharam de frente. Alguns animais começaram a rosnar. Embora fizesse um sol magnífico, todos se sentiram gelados de repente. As únicas pessoas que pareciam estar absolutamente à vontade eram Aslam e a própria feiticeira. Estranho espetáculo: um rosto dourado e um rosto nevado... tão perto um do outro. Não que a feiticeira olhasse Aslam bem de frente. A Sra. Castor não deixou de reparar nisso.

– Há um traidor aqui, Aslam! – declarou a feiticeira.

Todos os presentes entenderam. Mas Edmundo, depois da conversa pela manhã e de tudo o mais, não deu bola. Continuou simplesmente a olhar para Aslam. Estava esnobando a feiticeira, e com razão.

– Não foi bem a você que ele ofendeu – disse Aslam.

– Já se esqueceu da Magia Profunda? – perguntou a feiticeira.

– Digamos que sim – replicou Aslam, solenemente. – Fale-nos da Magia Profunda.

– Falar-lhe da Magia Profunda?! Eu?! – disse a feiticeira, numa voz ainda mais aguda. – Falar-lhe do que está escrito nessa Mesa de Pedra aí ao lado? Falar-lhe do que está escrito em letras do tamanho de uma espada, cravadas nas pedras de fogo da Montanha Secreta? Falar-lhe do que está gravado no cetro do Imperador de Além-Mar? Se alguém conhece tão bem quanto eu o poder mágico a que o Imperador sujeitou Nárnia desde o princípio dos tempos, esse alguém é você. Sabe que todo traidor, pela lei, é presa minha, e que tenho direito de matá-lo!

– Ah! – disse o Sr. Castor. – Já estou entendendo por que foi que você se arvorou em rainha... Você era o carrasco-mor do Imperador!

– Calma, Castor, calma – disse Aslam, em voz baixa e arrastada.

– Portanto – continuou a feiticeira –, essa criatura humana me pertence. A vida dela me pertence. Tenho direito ao seu sangue.

– Então venha bebê-lo, se for capaz – disse o Touro, que tinha cabeça de homem.

– Débil mental! – disse a feiticeira, com um riso de fúria que era quase um grunhido. – Está tão convencido assim de que o seu senhor pode me privar dos meus direitos pela força? Ele conhece bem demais a Magia Profunda para atrever-se a isso. Sabe que, a não ser que eu receba o sangue a que a lei me dá direito, toda a terra de Nárnia será subvertida e perecerá em água e fogo.

– É verdade! – disse Aslam. – Não posso negá-lo.

– Oh! Aslam! – sussurrou Susana, ao ouvido do Leão. – Não podemos nós... quer dizer, isto é, não vai acontecer nada, não é? Não se pode dar um jeito nessa Magia Profunda?

– Enfrentar o poder mágico do Imperador? – Aslam voltou-se para ela, com o rosto ligeiramente carregado. E ninguém mais tocou naquele assunto.

Edmundo fitou Aslam o tempo todo. Sentia-se sufocado e perguntava a si mesmo se devia dizer alguma coisa: compreendeu que não devia dizer coisa nenhuma, só esperar e cumprir o que lhe fosse ordenado.

– Afastem-se – disse Aslam. – Preciso falar a sós com a feiticeira.

Foram momentos terríveis de longa espera. Que estaria o Leão combinando? Lúcia disse apenas “Oh, Edmundo!”, e começou a chorar. Pedro, de costas para os outros, olhava o mar distante. Cabisbaixos, os castores davam a mão um ao outro. Os centauros, nervosos, batiam com os cascos no chão. Por fim todos se acalmaram e foi um silêncio daqueles de ouvir zumbido de abelha, esvoaçar de passarinho e sussurrar de brisa na folhagem. E a conversa continuava.

Finalmente ouviu-se a voz de Aslam.

– Venham todos. Tudo resolvido. Ela renunciou ao direito que tinha ao sangue de Edmundo.

Pela encosta, ouviu-se um ruído, como se todos tivessem começado a respirar ao mesmo tempo. Foi um pipocar de opiniões.

A feiticeira, com uma expressão de feroz alegria, já estava se afastando quando parou e disse:

– Mas quem me garante que a promessa será cumprida?

– Raaaa-a-aarrgh! – rugiu Aslam, erguendo-se do trono. E suas fauces ficaram escancaradas. O rugido ribombou. A feiticeira, atônita, agarrou a saia e fugiu como se tivesse a vida em perigo.

CAPÍTULO CATORZE

O TRIUNFO DA FEITICEIRA



Logo que a feiticeira desapareceu, Aslam disse:

– Temos de abandonar este lugar imediatamente, porque vai ser utilizado para outra coisa. Acamparemos esta noite na margem do Beruna.

Todos estavam ansiosos, é claro, para conhecer os termos do acordo. Mas a expressão de Aslam era tão severa, e o rugido que soltara ressoava ainda de tal modo nos ouvidos de todos, que ninguém teve coragem de interrogá-lo.

Depois de uma refeição ao ar livre, no cimo da encosta, ajudaram a desarmar a barraca real e a arrumar as coisas. Antes de duas horas estavam a caminho, rumo ao nordeste, avançando a passo moderado, pois o lugar para onde iam não era longe.

Aslam explicou a Pedro seu plano de campanha:

– Logo que termine suas tarefas por aqui, a feiticeira deve voltar para o seu castelo e preparar-se para resistir a um cerco. Talvez você possa cortar-lhe o caminho, impedindo que ela chegue lá, mas também pode ser que não.

Aslam continuou a expor dois planos diferentes de batalha: um para atacar a feiticeira e sua gente no bosque; outro para assaltar o castelo. Aconselhou Pedro sobre a melhor maneira de conduzir as operações, dizendo coisas assim: “Deve colocar os centauros em tal parte”, ou “Não esqueça suas sentinelas”.

Por fim, disse Pedro:

– Mas você ficará comigo, Aslam.

– Nada posso prometer – retrucou Aslam, e continuou a dar suas instruções.

Na segunda etapa da viagem, foram Susana e Lúcia que lhe fizeram companhia. Aslam, entretanto, quase nada falou, dando-lhes a impressão de estar

muito triste.

Chegaram a um ponto onde o vale se alargava e o rio corria num leito amplo e pouco fundo. Era o Passo do Beruna. Aslam deu ordem para que acampassem do lado de cá. Pedro observou:

– Não seria melhor o lado de lá? Ela pode atacar-nos à noite.

Aslam, que parecia preocupado com outra coisa, levantou a cabeça, sacudiu a juba soberba e disse:

– Hum! Que foi?

Pedro repetiu a pergunta.

– Não! – disse Aslam, com voz indiferente, como se aquilo não tivesse a mínima importância. – Ela não ataca esta noite. – E soltou um profundo suspiro, acrescentando em seguida:

– De qualquer modo, foi bem pensado. Só que não vale a pena.

E continuaram a armar as tendas.

Nessa noite, a tristeza de Aslam projetou-se em todos os outros. Pedro não se sentia bem ao lembrar que ia assumir sozinho a responsabilidade da batalha. Fora um grande choque o fato de Aslam não prometer estar presente. A ceia foi silenciosa, muito diferente da refeição da noite passada ou daquela mesma manhã. Era como se os dias felizes, que mal tinham começado, já chegassem ao fim.

Susana nem conseguiu dormir, inquieta. Depois de muito tempo acordada, virou-se e ouviu Lúcia suspirar.

– Você também não consegue dormir, Lu?

– Não. Achei que você estava dormindo. Tenho um pressentimento horrível, Susana, como se qualquer coisa estivesse para acontecer com a gente.

– É mesmo? Eu também.

– É alguma coisa com Aslam. Ou algo pavoroso está para acontecer com ele, ou é ele que vai fazer algo assim.

– Esteve preocupado o dia inteiro, Lúcia! Ele disse que não poderá estar conosco na batalha. Será que está pensando em ir embora esta noite?

– Onde ele está agora? Na barraca?

– Acho que não.

– Susana! Vamos procurá-lo.

– Está bem, vamos. É melhor do que ficar acordada.

Muito de mansinho, as duas meninas foram abrindo caminho entre os que dormiam e saíram da tenda. O luar estava claro e reinava silêncio. Susana agarrou-se ao braço de Lúcia de repente:

– Lá!

No extremo oposto do acampamento, onde começavam as primeiras árvores, o Leão dirigia-se lentamente para o bosque. Sem trocar palavra, elas foram atrás.

Aslam afastou-se do vale e continuou a andar. Parecia seguir o mesmo caminho que tinham percorrido durante o dia, quando vieram da Mesa de Pedra. Foi seguindo sempre, levando-as ora para lugares escuros, ora para outros banhados de luar. Os pés das meninas estavam úmidos de orvalho. Aslam tinha uma aparência diferente. Cabeça baixa, cauda caída, caminhava devagar, como se estivesse muito cansado. Ao atravessarem uma clareira, onde não havia sombras nas quais pudessem esconder-se, as meninas viram-no parar e olhar em volta. Não adiantava fugir, então elas foram ao seu encontro.

– Crianças, por que estão me seguindo?

– Não conseguimos dormir – disse Lúcia, sentindo que não era preciso dizer mais nada.

– Por favor, deixe-nos ir com você, a qualquer lugar... – implorou Susana.

– Bem... – E Aslam pareceu refletir. – Vou gostar de ter amigos esta noite. Podem vir... desde que me prometam parar quando eu lhes disser, e me deixem depois continuar sozinho.

– Obrigada, muito... Prometemos!

A marcha prosseguiu: o Leão entre as duas meninas. Como andava devagar! A grande cabeça real ia tão baixa que o nariz quase roçava a relva. A certa altura tropeçou e deixou escapar um gemido.

– Aslam! Aslam querido! – disse Lúcia. – O que há? Por que não nos diz o que tem?

– Está doente, Aslam querido? – perguntou Susana.

– Não. Estou triste. Estou só. Ponham as mãos na minha juba, para que eu sinta que vocês estão aqui, e caminhemos assim.

Foi assim que as meninas fizeram o que, sem licença dele, jamais teriam tido a coragem de fazer, ainda que o desejassem ardentemente, desde o primeiro instante em que o viram... Enfiaram as mãos frias na juba farta, acariciando-a, e foram andando ao lado dele.

Repararam que subiam a encosta do monte sobre o qual estava a Mesa de Pedra. Chegaram à última árvore antes da clareira. Aslam parou e disse:

– Crianças, vocês ficam aqui. Aconteça o que acontecer, fiquem bem escondidas. Adeus!

As duas meninas choraram copiosamente (embora mal soubessem o motivo), agarraram-se ao Leão, deram-lhe beijos na juba, no nariz, nas patas, nos grandes

olhos tristes. Depois, ele se afastou e foi sozinho para o alto da colina. Escondidas nas últimas moitas, Susana e Lúcia ficaram espiando.

Vou lhe contar o que elas viram.

Uma imensa multidão estava reunida em torno da Mesa de Pedra. Embora o luar clareasse tudo, muitos traziam tochas, que ardiam com sinistras chamas vermelhas e fumo negro.

Que bicharada! Ogres de dentes monstruosos! Lobos! Homens com cabeça de touro! Espíritos de árvores más e de plantas venenosas! Não falo de outros seres porque, se fizesse isso, as pessoas adultas não o deixariam ler este livro: vulpinos, bruxas, incubos, fúrias, horrores, espectros, sátiros, lobisomens... Estavam ali todos os que eram do partido da feiticeira, convocados pelo lobo. No centro, em pé junto da mesa, estava a própria feiticeira.

No momento em que viram o enorme Leão dirigir-se para elas, aquelas criaturas soltaram uivos e grunhidos de terror. Até a feiticeira pareceu por um instante paralisada de medo. Mas dominou-se e deu uma selvagem gargalhada.

– O louco! O louco está chegando! Amarrem bem o louco!

Lúcia e Susana pararam de respirar, aguardando o rugido de Aslam e o ataque ao inimigo. Mas nada! Quatro bruxas, rindo zombeteiras (a princípio, a uma certa distância, receosas de cumprir sua missão), aproximaram-se dele.

– Amarrem o louco, já disse!

As bruxas correram para ele com um uivo de triunfo, ao verem que não oferecia resistência. Anões e macacos malignos chegaram de todos os lados para ajudá-las. Deitaram o Leão de costas. Amarraram-lhe as quatro patas, gritando e dando vivas, como se tivessem cometido um ato de bravura. Claro que, se o Leão quisesse, uma patada seria a morte para eles. Mas ficou quieto, mesmo quando os inimigos rasgaram a sua carne de tanto esticarem as cordas. Depois, começaram a arrastá-lo para o centro da mesa.

– Alto! – disse a feiticeira. – Primeiro, cortem-lhe a juba!

Uma gargalhada mesquinha ressoou quando um ogre, de tesoura na mão, avançou e se pôs de cócoras junto da cabeça do leão. Zip, zip, zip – a tesoura rangia, e montes de caracóis dourados tombavam ao chão. O ogre afastou-se, e, do esconderijo, as meninas puderam ver o rosto de Aslam, pequenino e tão diferente sem a juba! Os inimigos também notaram isso:

– Vejam: não passa de um gato!

– E é disso que a gente tinha medo?

Rodearam Aslam, zombando dele a valer:

– Miau! Miau! Coitadinho do bichano! Quantos camundongos você papou

hoje? Quer um pires de leite, bichinho?

– Que audácia! – disse Lúcia, com lágrimas correndo pelo rosto. – Perversos! Malvados!

Passada a primeira impressão, a cara tosquiada de Aslam parecia-lhe ainda mais valente, mais bela e mais resignada do que nunca.

– Amordacem-no! – gritou a feiticeira. Mesmo agora, quando lhe punham a focinheira, uma dentada dele bastaria para decepar, pelo menos, as mãos de dois ou três. Ao vê-lo amordaçado e amarrado, os mais covardes ganharam ânimo. Por instantes, as meninas nem sequer conseguiram vê-lo, rodeado como estava por aquela horda infernal, que lhe batia, dava pontapés, cuspia-lhe em cima, insultava-o.

Por fim a turba ficou cansada. E o Leão, amarrado e amordaçado, foi arrastado para a Mesa de Pedra, puxado por uns, empurrado por outros. Era tão grande que, mesmo depois de o terem arrastado até lá, só com o esforço de todos foi possível içá-lo e colocá-lo em cima da mesa. Depois, amarraram-no e apertaram-lhe outra vez as cordas.

– Covardes! Covardões! – soluçava Susana. – Será possível que ainda tenham medo dele?

Logo que acabaram de amarrar Aslam à Mesa de Pedra (mas tão amarrado que mais parecia um novelo), fez-se silêncio. Quatro bruxas, aos quatro cantos da mesa, erguiam seus fachos. A feiticeira desnudou os braços, como fizera na noite anterior com Edmundo. Depois, começou a afiar o facão. Quando o brilho do facho caiu sobre ele, Susana e Lúcia acharam que o facão era de pedra e não de aço, e tinha uma forma esquisita e nada agradável.

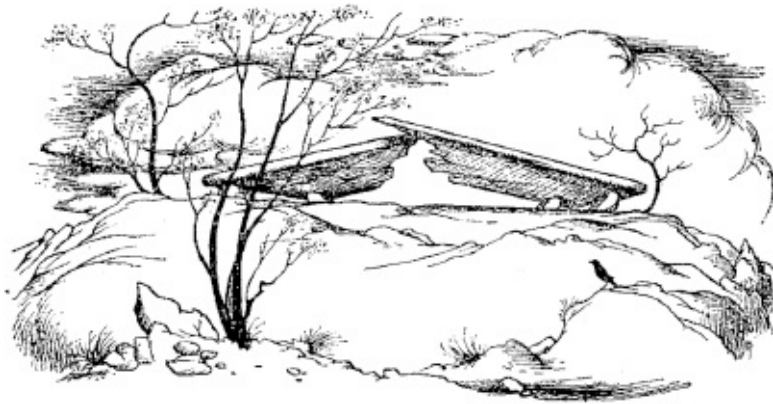
Por fim a feiticeira aproximou-se. Parou junto da cabeça do Leão. Seu rosto vibrava e contorcia-se de ódio. O dele, sempre calmo, olhava para o céu, com uma expressão que não era nem de ira, nem de medo, um pouco triste apenas. Um momento antes de desferir o golpe, a feiticeira inclinou-se e disse, vibrando com a voz:

– Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também. Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra.

As meninas não chegaram a ver exatamente este último momento. Tinham tapado os olhos.

CAPÍTULO QUINZE

MAGIA AINDA MAIS PROFUNDA DE ANTES DA AURORA DO TEMPO



Ainda cobrindo o rosto com as mãos, as meninas ouviram a voz da feiticeira:

– Sigam-me todos e acabemos com o que resta da batalha. Não será difícil esmagar o verme humano e os traidores, agora que o grande louco, o gato, está morto.

As meninas passaram por grande perigo. Pois, com gritos selvagens e som de trombetas, aquele restolho da criação partiu em disparada do alto da colina para a encosta, passando rente ao esconderijo. Os espectros foram como um vento gelado; o chão tremeu com o galope dos minotauros. Esvoaçou sobre as cabeças das duas garotas uma grande mancha imunda de abutres e morcegos gigantes. Em outra situação, teriam tremido de medo, mas agora tinham a alma tão cheia de tristeza, vergonha e horror pela morte de Aslam que nem tempo tiveram de ter medo.

Quando tudo se acalmou, Susana e Lúcia foram para o alto descoberto da colina. Ainda era possível distinguir, apesar das nuvens delicadas que ocultavam a lua, o vulto do Leão, que jazia morto nos grilhões. Ambas se ajoelharam na relva molhada, beijaram o rosto frio de Aslam, acariciaram seu bonito pelo – o que ainda restava dele – e choraram amargamente, até que não puderam mais. Olhando uma para a outra, deram-se as mãos, porque se sentiam sós, e choraram de novo. Depois voltaram a calar-se. Lúcia disse, por fim:

– Não suporto vê-lo com esta horrível mordança. Conseguiremos arrancá-la?

Tentaram. Depois de muito esforço (tinham os dedos gelados e estava muito escuro) conseguiram. E ao verem o rosto de Aslam sem a focinheira, desandaram a chorar outra vez. E beijos. E carícias. Limparam-lhe o melhor que

puderam o sangue e a espuma. Não tenho nem palavras para lhe contar a solidão, o desespero, a desolação daquele momento.

– Será que conseguimos também desamarrá-lo? – perguntou Susana. Mas os inimigos, só de maldade, tinham apertado tanto as cordas, que as meninas não puderam desfazer os nós.

Espero que ninguém que esteja lendo esta história alguma vez na vida tenha sido tão infeliz quanto Susana e Lúcia naquela noite. Mas se você sabe o que é isso, se já passou a noite toda acordado e chorou até acabarem as lágrimas... Então sabe que, no fim, desce sobre a gente uma grande calma. Chegamos até a ter a sensação de que nada mais nos poderá acontecer.

Pelo menos, foi isso o que as duas meninas sentiram. Passaram horas naquela calma absoluta, e nem notaram que estavam ficando regeladas. Mas Lúcia reparou em duas coisas: uma era que o céu sobre a colina estava muito mais claro do que antes, e a outra era que um movimento quase imperceptível percorria a relva a seus pés. A princípio não se importou: já nada importava agora. Mas viu que algo começava a subir pelas pedras verticais que sustentavam a Mesa de Pedra. Qualquer coisa andava agora de um lado para outro sobre o corpo de Aslam. Chegou um pouquinho mais perto. Eram umas coisinhas cinzentas.

– Que horror! – exclamou Susana. – Só faltavam estes ratos horrendos! Monstros! Sumam daqui! – E ergueu as mãos para assustá-los.

– Espere! – disse Lúcia, que os observara com mais atenção. – Repare no que estão fazendo.

Ficaram olhando, inclinadas.

– Parece que... Mas que coisa estranha! Estão roendo as cordas!

– Exatamente! Estes ratinhos são boa gente, coitadinhos... não percebem que ele está morto. Achem que ainda podem fazer alguma coisa.

Estava bem mais claro agora, e cada uma reparou na palidez da outra, enquanto continuavam a observar os ratos a roer as cordas, dezenas, centenas mesmo, de ratinhos do campo. Por fim, uma a uma, as cordas todas estavam roídas.

O céu estava esbranquiçado no oriente e as estrelas empalideciam também. Menos uma muito grande, perto da linha do horizonte. O frio era mais intenso do que nunca. E os ratinhos desapareceram.

As meninas afastaram o que restava das cordas roídas. Sem elas, Aslam parecia outro. Seu rosto, com a luz progressiva, assumia expressão mais nobre.

No bosque, atrás delas, um passarinho fez um ensaio de gorjeio. Durante horas a fio, o silêncio tinha sido tão completo que elas se assustaram. Depois,

outro pássaro respondeu. Daí a pouco as aves cantavam em toda parte.

Já era madrugada.

– Estou morrendo de frio, Susana.

– Eu também. E se a gente andasse um pouquinho?

Foram ao extremo da colina e olharam para baixo. A grande estrela solitária desaparecera. Toda a paisagem da terra tinha um ar cinzento-escuro; mas, para além, muito longe, lá no fim do mundo, o mar brilhava, pálido. Havia tons róseos no céu. Andaram para lá e para cá, inúmeras vezes, do corpo morto de Aslam ao sopé da colina. Em certo momento, ficaram imóveis olhando para o mar e para o castelo de Cair Paravel, que só agora começaram a distinguir. E enquanto ali estavam, no lugar em que a terra se acaba e o mar começa, o vermelho tornou-se dourado, e o sol começou a surgir devagarinho. Foi quando ouviram um grande barulho, um barulho ensurdecido de uma coisa que estala, como se um gigante acabasse de quebrar um prato gigantesco.

– Que barulho foi esse? – disse Lúcia, agarrando-se ao braço de Susana.

– Não sei. Estou com medo... estou com medo de olhar...

– Devem ter voltado... Vamos olhar! – E Lúcia virou-se, obrigando Susana a fazer o mesmo.

O sol dera a tudo uma aparência tão diferente, alterando de tal maneira as cores e as sombras, que por um momento não repararam na coisa de fato importante. Até que viram. A Mesa de Pedra estava partida em duas por uma grande fenda, que ia de lado a lado. E de Aslam, nem sombra.

– Oh! Oh! Oh! – gritaram as meninas, correndo para a mesa.

– Isso é demais! Podiam ao menos ter deixado o corpo em paz.

– Mas que coisa é essa? Ainda será magia?

– Magia, sim! – disse uma voz forte, pertinho delas. – Ainda é magia.

Olharam. Iluminado pelo sol nascente, maior do que antes, Aslam sacudia a juba (pelo visto, tinha voltado a crescer).

– Aslam! Aslam! – exclamaram as meninas, espantadas, olhando para ele, ao mesmo tempo assustadas e felizes.

– Você não está morto?

– Agora, não.

– Mas você não é... um... um...? – Susana, trêmula, não teve a coragem de usar a palavra “fantasma”.

Aslam abaixou a cabeça dourada e lambeu-lhe a testa. O calor de seu bafo era de criatura viva.

– Pareço um fantasma?

– Não! Você está vivo! Oh, Aslam! – gritou Lúcia, e as duas meninas atiraram-se sobre ele com mil beijos.

– Mas explique tudo isso, por favor – disse Susana, ao recuperar um pouco da calma.

– Explico: a feiticeira pode conhecer a Magia Profunda, mas não sabe que há outra magia ainda mais profunda. O que ela sabe não vai além da aurora do tempo. Mas, se tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes da aurora do tempo, teria aprendido outro sortilégio. Saberá que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás... E agora...

– E agora? – disse Lúcia, pulando de alegria, batendo palmas.

– Ah, crianças... Já me sinto mais forte. Vamos ver uma coisa: se vocês são capazes de me pegar!

Ficou quieto por um instante, com os olhos brilhando muito, as pernas fremindo de excitação, fustigando-se com a cauda. De um salto, passou-lhes por cima da cabeça e foi cair do outro lado da mesa. Rindo, sem saber de quê, Lúcia subiu à mesa para pegá-lo. Aslam escapou com um pulo. E começou uma corrida louca. Fugia, obrigando-as a correr pela colina, às vezes deixando que elas quase o agarrassem pela cauda. Mergulhava entre as duas, atirava-as ao ar com as patas enormes e aveludadas, para voltar a apanhá-las. Parava de repente, fazendo com que elas se amontoassem no chão, rindo alegremente, numa confusão de braços, pernas e pelos. Foi uma algazarra daquelas, como não existe fora de Nárnia. Lúcia não sabia bem se estava brincando com um gatinho ou com um furacão. O mais engraçado é que, quando por fim se deitaram ao sol, ofegantes, as duas já não estavam nada cansadas, nem com fome, nem com sede.

– Agora – disse Aslam – vamos ao trabalho. Acho que vou dar um rugido. Melhor taparem os ouvidos.

Foi o que fizeram. Quando Aslam abriu a boca, seu rosto ficou tão apavorante que não tiveram coragem de olhar para ele. As árvores em frente curvaram-se ao sopro do rugido, como o capim se curva ao vento.

– Temos de andar muito. O melhor é vocês subirem nas minhas costas.

O Leão abaixou-se e as crianças subiram no seu dorso morno e dourado: Susana primeiro, agarrando-se na juba com toda a força; Lúcia depois, agarrando-se firmemente em Susana. O Leão ergueu-se e partiu em disparada, descendo a colina e entrando pela floresta.

Foi talvez a coisa mais fabulosa que lhes aconteceu em Nárnia. Você já galopou num cavalo? Então, faça de conta que vai a cavalo. Elimine o barulho

dos cascos, o ranger do freio; imagine as passadas quase silenciosas do Leão. Agora, em vez do dorso preto, cinza ou castanho do cavalo, imagine o pelo macio e dourado, e a juba esvoaçando ao vento. Imagine também que está galopando duas vezes mais depressa que o mais rápido cavalo de corrida. E não se esqueça de que esta montaria não precisa ser guiada e que nunca se cansa. Galopa, galopa, sem tropeçar, sem hesitações, abrindo caminho com grande habilidade entre as árvores, saltando arbustos, moitas e riachos, atravessando os mais largos a vau, e a nado os rios maiores. Mas não é cavalgar por uma estrada, nem por um parque, nem sequer por uma encosta gramada, mas por Nárnia, na primavera, ao longo de bosques lindíssimos inundados de sol, entre brancos pomares de cerejeiras em flor, passando por barulhentas cachoeiras, percorrendo gargantas perigosas, descendo, descendo de novo para os vales agrestes e os campos enfeitados de flores azuladas.

Era quase meio-dia quando, do alto de uma vertente escarpada, viram um castelo – parecia um castelinho de brinquedo – todo espetado de torres. Mas o Leão descia a tal velocidade que ele crescia a cada momento. E, antes de qualquer pergunta, já estavam ao pé do castelo. Já não era de brinquedo. Nenhum rosto surgiu nas ameias e os portões estavam fechados. Aslam, sem diminuir a corrida, precipitou-se para ele como uma flecha.

– É a casa da feiticeira! – gritou. – Segurem firme!

E foi como se o mundo virasse de cabeça para baixo. Foi aquele frio gelado na barriga. Pois o Leão tomava distância para o maior salto da história, galgando – voando, posso dizer, por cima da muralha do castelo. Ofegantes, mas sem um arranhão, as duas se viram no centro de um grande pátio cheio de estátuas de pedra.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O QUE ACONTECEU COM AS ESTÁTUAS



– Que lugar estranho! – exclamou Lúcia. – Quantos bichos de pedra! E gente também! Parece até um museu!

– Psiu! – fez Susana. – Olhe o que Aslam está fazendo.

Aslam aproximou-se do leão de pedra e soprou. Deu meia-volta, como um gato querendo agarrar o próprio rabo, e soprou também sobre o anão de pedra. Saltou sobre uma grande dríade de pedra, voltou-se rapidamente para um coelhinho petrificado à direita, correu para dois centauros.

– Susana, Susana! Olhe o leão!

Já viu alguém chegar um fósforo aceso a um pedaço de jornal num fogão de lenha? Parece no princípio que não aconteceu nada; depois, você nota uma chamazinha fraca na beirada do papel. Aconteceu uma coisa muito parecida. Durante os primeiros segundos, depois do sopro, o leão de pedra ficou igualzinho. Depois, um fio dourado, muito fraquinho, começou a andar por seu corpo branco de mármore e foi aumentando... Daí a pouco, a cor lambia as costas do leão como o fogo lambe um pedaço de jornal. Por fim, enquanto as patas traseiras continuavam de pedra, o leão sacudiu a juba, e as pesadas ondulações marmóreas que o cobriam ficaram encrespadas, já transformadas em pelo. Escancarou então a grande boca vermelha, quente e viva, num impressionante bocejo. E já as patas traseiras voltaram à vida. Levantou uma e coçou-se. Vendo Aslam, correu para ele aos pulos de pura felicidade, lambendo o rosto do Rei.

E as estátuas voltaram à vida por todos os lados. O pátio já não parecia um museu: era um jardim zoológico. Seres de todos os tamanhos, de todas as formas, corriam atrás de Aslam, dançando em torno dele. Desaparecera a brancura de morte: o pátio era festival de cores, com dorsos lustrosos e castanhos

de centauros, chifres anilados de unicórnios, plumagens deslumbrantes, o pardo-avermelhado das raposas, cães, sátiros, meias amarelas e capuzes vermelhos de anões. E espíritos de bétulas em túnicas de prata, espíritos de faias envoltos num verde fresco e transparente, espíritos de vidoeiros vestidos de verde tão brilhante que quase parecia amarelo. Sumira o silêncio de cemitério; o pátio ressoava com um som alegre de rugidos, zurros, latidos, uivos, grunhidos, arrulhos, relinchos, gritos, canções e risos.

– Ah-ah! – gemeu Susana, num tom diferente. – Olhe... Você acha que... que isto é seguro?...

Lúcia olhou e viu que Aslam soprava os pés de um gigante de pedra.

– Está tudo bem – gritou Aslam alegremente. – Quando os pés estão corretos, todo o resto os acompanha.

– Não era isso que eu estava querendo dizer – murmurou Susana para Lúcia.

Mas era tarde demais, mesmo que Aslam tivesse entendido. A força da vida já subia pelas pernas do gigante. Ele mexeu os pés. Levantou o cajado que tinha encostado ao ombro. Esfregou os olhos e disse:

– Que foi isso? Devo ter dormido demais! Ah! Onde está aquela feiticeira de uma figa?

Tiveram de explicar ao grandão tudo o que havia acontecido. Levou a mão à orelha e fez com que repetissem tudo, até ouvir e entender bem. Depois, inclinou a cabeça à altura de um monte de feno e tirou o boné a Aslam, muitas vezes, com o carão resplandecendo de alegria.

Os gigantes – de todas as raças – são tão raros hoje que há poucos com boa aparência; aposto dez contra um que você nunca viu um gigante com o rosto resplandecente. Mas, pode estar certo, vale a pena ver.

– E agora é lá dentro! – disse Aslam. – Todo o mundo de olho bem aberto. Busca rigorosa em tudo! A gente nunca sabe onde pode estar escondido um pobre prisioneiro.

Foi uma correria. Durante alguns minutos, aquele horrendo castelo, velho, escuro e mofado, ressoou com o ranger das janelas que se abriam e com o eco de vozes que gritavam ao mesmo tempo:

– Não se esqueçam dos calabouços!... Quem me ajuda a arrombar esta porta?... Aqui tem outra escada de caracol... Olhem o coitado do canguru!... Chamem Aslam... Puf, que abafamento!... Será uma porta falsa?... Tem um bando imenso aqui em cima!...

Mas o melhor de todos os momentos foi quando Lúcia subiu as escadas gritando:

– Aslam! Aslam! Achei o Sr. Tumnus! Depressa, por favor!

Daí a pouco, Lúcia e o pequeno fauno, de mãos dadas, dançavam de alegria. Apesar daquela temporada triste de estátua, ele ainda era o mesmo, muito interessado nas coisas que a menina tinha a contar.

Até que a busca na casa da feiticeira chegou ao fim. O castelo estava vazio de todo. Pelas portas e janelas abertas, entrava a luz, e o ar perfumado da primavera insinuava-se até nos cantos mais escuros e feios. A multidão de ex-estátuas voltou ao pátio. Foi aí que alguém (o Sr. Tumnus, se não me engano) se lembrou de perguntar:

– Mas como iremos sair daqui?

Aslam entrou de um salto; os portões ainda permaneciam fechados.

– Não há problema – disse ele, chamando o gigante. – Como é o seu nome?

– Sou o gigante Rumbacatamau, às suas ordens – disse ele, tirando o boné.

– Pois muito bem, Sr. Rumbacatamau; pode ajudar-nos a sair daqui?

– Com muito prazer – disse o gigante. – A miudagem (isto é, os pequeninos) que se afaste dos portões!

Então avançou para os portões e se ouviu o *tan-tan-tan* do cajadão. Os portões chiaram ao primeiro golpe, estalaram no segundo, estremeceram no terceiro. Depois, o gigante arremessou-se contra as torres ao lado dos portões; apertou-as e sacudiu-as tanto, durante alguns minutos, que elas, junto com pedaços de muralhas, caíram estrondosamente. Era estranho estar naquele pátio de pedra e olhar pela abertura, e ver a relva lá fora, as árvores balançadas pelo vento, os riachos cristalinos, as montanhas azuis e o céu.

– Macacos me mordam se não estou suando em bicas! – disse o gigante, ventando como uma locomotiva das grandes. – Falta de treino é isso! Alguma das mocinhas aqui presentes terá, por acaso, aquilo a que dão o nome de lenço?

– Eu tenho – gritou Lúcia, pondo-se nas pontas dos pés e levantando o lenço o mais que pôde.

– Obrigado, menininha – disse Rumbacatamau, inclinando-se para apanhá-lo.

Lúcia levou um dos maiores sustos de sua vida ao sentir-se levantada no ar, como num elevador de obra, entre os dois dedos do gigante. Já estava para tocar no rosto dele quando o gigante deu uma fredda brusca e voltou a colocá-la no chão, com muito cuidado, murmurando:

– Mil perdões! Foi engano meu; agarrei a menina pensando que era o lenço.

– Não tem importância – disse Lúcia, rindo. – Aqui está o lenço.

Desta vez, o gigante conseguiu apanhá-lo, mas o lenço era tão pequeno para ele como é para nós um chiclete... Quando a menina o viu esfregando solenemente o lenço de um lado para outro na carantonha vermelha, exclamou:

– Sinto muito... o lenço é tão pequenininho... não vale quase nada, Sr. Rumbacatamau.

– Pelo contrário, pelo contrário – respondeu o gigante, com delicadeza. – Nunca vi um lenço tão distinto... tão jeitoso... e tão... e tão... nem tenho palavras...

– Mas que gigante simpático! – disse Lúcia ao Sr. Tumnus.

– Ah, simpático ele é! – replicou o fauno. – Os Catamaus sempre foram assim. Eram uma das famílias de gigantes mais estimadas em Nárnia. Nunca foram lá muito inteligentes (pelo menos, nunca vi um), mas, sem dúvida alguma, uma das famílias mais antigas. Com muita tradição, compreende. Aliás, se não fosse isso, a feiticeira não ia se dar ao trabalho de transformar um Catamau em pedra.

Aslam bateu as patas e pediu silêncio.

– A nossa tarefa do dia ainda não acabou. Se quisermos derrotar para sempre a feiticeira antes de anoitecer, teremos de encontrar já, já o campo da batalha.

– E espero poder travá-la, senhor! – falou o centauro-maior.

– Evidente! – concordou Aslam. – Avante! Os que não podem acompanhar a marcha (crianças, anões e bichos menores) vão às costas dos outros (leões, centauros, unicórnios, cavalos, gigantes e águias). Nós, os leões, vamos na vanguarda, e os que têm o faro apurado vão conosco, ajudando a localizar o campo de batalha. Depressa, todos a postos!

Com grande alegria e bastante barulho, todos obedeceram. Mas quem estava inchado de contentamento era o outro leão, que corria de um lado para outro, fingindo-se muito atarefado, só para ter a oportunidade de repetir a cada um que encontrava:

– Ouviu o que ele disse? *Nós, os leões!* Ele e eu! *Nós, os leões!* Por aí você vê por que eu gosto tanto de Aslam. Não se põe lá em cima, não é de bancar o importante. *Nós, os leões!* Ele e eu!

E só parou quando Aslam colocou em cima dele três anões, uma dríade, dois coelhos e um ouriço. Aí, ficou um pouco mais calmo.

Quando estavam todos prontos (foi um grande cão de guarda que ajudou o Rei a colocá-los em forma), saíram pela abertura feita na muralha.

A princípio, os leões e os cães iam farejando em todas as direções, até que de repente um cão encontrou um rasto e soltou um latido. Não perderam mais tempo. Cães, leões, lobos e outros animais de guerra partiram a toda a velocidade, de nariz no chão, enquanto os outros, coitados, em fila quilométrica, iam seguindo como podiam.

O barulho lembrava uma caça à raposa, só que era muito maior. Rugia o leão

e, mais aterrador, rugia Aslam. A velocidade aumentava à medida que o rasto se acentuava. Ao chegarem à última curva, num vale estreito e sinuoso, Lúcia ouviu um ruído que dominava todos os outros: um ruído que a fez estremecer por dentro. Eram gritos e uivos e o choque de metal contra metal.

Ao saírem do vale, viu logo do que se tratava. Pedro, Edmundo e todo o resto do exército de Aslam lutavam desesperadamente contra uma imundície de gente, seres hediondos, como os da véspera. À luz do dia, eram ainda mais estranhos, mais malignos e monstruosos. E pareciam mais numerosos.

O exército de Pedro – de costas para ela – parecia uma brincadeira. E havia estátuas espalhadas por todo o campo de luta: a feiticeira certamente usara sua varinha. Mas agora ela lutava com o grande facão de pedra. E era com Pedro que lutava, os dois com tal fúria, que Lúcia mal conseguia ver o que se passava. Só via o facão e a espada cruzarem-se com grande rapidez como se fossem três facões e três espadas. Os dois estavam no meio exato do campo de batalha. De um lado e outro, as fileiras dos combatentes. Não havia lugar onde os olhos não vissem coisas de arrepiar.

– Desçam do “cavalo”, meninas! – gritou Aslam.

Com um rugido que fez tremer a terra de Nárnia, do lampião às praias do Mar Oriental, o gigantesco bicho atirou-se à feiticeira. Lúcia viu, por um instante, a feiticeira fitando o Leão, cheia de medo. E logo a seguir os dois rolaram pelo chão. Ao mesmo tempo, os animais guerreiros (libertados por Aslam) caíram como loucos sobre o inimigo. Os anões lutavam com machados; os cães, com os dentes; Rumbacatamau, com o seu enorme cajado (sem falar nos pés, que esmagavam dezenas de inimigos); os unicórnios, com os chifres; os centauros, com as espadas e os cascos. O exausto exército de Pedro exultou com o reforço. Os inimigos guincharam. E foi um estrépito no bosque.

CAPÍTULO DEZESSETE

A CAÇADA AO VEADO BRANCO



Alguns minutos depois, a batalha terminava. A maior parte do inimigo fora destroçada por Aslam e seus companheiros. Os outros, vendo a feiticeira morta, renderam-se ou fugiram em debandada. Lúcia viu, então, Pedro e Aslam apertarem-se as mãos. Inacreditável o ar que Pedro tinha agora: face pálida e grave, um ar muito mais velho.

– Foi tudo obra de Edmundo, Aslam! – disse Pedro. – Se não fosse ele, estávamos derrotados. A feiticeira ia petrificando as nossas tropas. Nada havia que a detivesse. Edmundo, lutando sempre, conseguiu abrir caminho entre os ogres e chegar ao local onde ela acabava de transformar um leopardo em pedra. Ele teve o bom senso de arrebentar a vara mágica com a espada, em vez de atacar diretamente a feiticeira, como os outros vinham fazendo, em vão. Quebrada a vara, começamos a ter alguma chance; mas já tínhamos perdido muitos dos nossos. Edmundo está muito ferido. Vamos procurá-lo.

Encontraram Edmundo num lugar um pouco afastado da linha de combate, entregue aos cuidados da Sra. Castor. Estava coberto de sangue, de boca aberta, e verde, verde.

– Depressa, Lúcia! – gritou Aslam.

Só então, pela primeira vez, Lúcia se lembrou do licor precioso que recebera de presente de Natal. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguiu abrir o vidrinho. Tirou a rolha e deixou cair umas gotas nos lábios do irmão.

– Há outros feridos – disse Aslam, enquanto ela continuava com os olhos ansiosamente cravados no rosto pálido de Edmundo, muito desconfiada do efeito do licor.

– Sei disso – respondeu Lúcia, impaciente. – Daqui a um pouquinho eu vou.

– Filha de Eva – disse Aslam, a voz mais severa. – Tem gente morrendo. Quer que morram por causa de Edmundo?!

– Desculpe, Aslam.

Durante meia hora, os dois não tiveram mãos a medir; ela tratava dos feridos, ele restituía a vida aos mortos, isto é, às estátuas.

Edmundo, quando Lúcia pôde voltar até ele, estava de pé, não só curado dos ferimentos, mas com uma aparência bem melhor do que antes. Com uma aparência melhor até do que no tempo em que entrou para a escola e começou a seguir pelo mau caminho. Agora, não. Já podia olhar as pessoas de frente. Por isso mesmo, foi armado cavaleiro, em pleno campo de batalha.

– Edmundo sabe o que Aslam fez por ele? – perguntou Lúcia baixinho a Susana. – Sabe qual era, na verdade, o trato com a feiticeira?

– Boca fechada! Claro que não sabe de nada!

– Não é melhor contar para ele?

– É evidente que não! – respondeu Susana. – Imagine como você iria se sentir se estivesse no lugar dele.

– Mesmo assim, acho que ele deve saber – insistiu Lúcia.

Mas foram interrompidas e a conversa ficou por aí.

Passaram a noite ali mesmo. Não sei dizer onde Aslam arranhou comida para aquela gente toda. O fato é que às oito horas estavam todos sentados na relva, para uma excelente refeição.

No dia seguinte, desceram ao longo do grande rio, chegando à foz ao cair da tarde. O castelo de Cair Paravel erguia-se, altaneiro, no cimo da colina. Em frente, havia areia e pedras, pequenas poças de água salgada, algas, cheiro de mar e ondas azuis e verdes a perder de vista. E, ia-me esquecendo, o grito das gaivotas!

À noite, depois do lanche, as quatro crianças voltaram à praia e tiraram os sapatos e as meias para molhar os pés.

No dia seguinte, porém, a coisa foi muito mais solene. No grande salão de Cair Paravel – um salão formidável, com teto de marfim, uma parede coberta de penas de pavão e uma porta aberta para o mar –, na presença de todos, Aslam coroou-os com toda a cerimônia. E eles sentaram-se nos tronos, entre aclamações ensurdecedoras de “Viva o rei Pedro! Viva a rainha Susana! Viva o rei Edmundo! Viva a rainha Lúcia!”

– Quem é coroado rei ou rainha em Nárnia será para sempre rei ou rainha. Honrem a sua realeza, Filhos de Adão! Honrem a sua realeza, Filhas de Eva! – disse Aslam.

Pela porta aberta para o mar, chegavam as vozes dos tritões e das sereias, que entoavam cânticos em louvor dos novos soberanos, nadando perto da praia.

Assim, as crianças ocuparam seus tronos, empunharam seus cetros e concederam recompensas e honrarias a todos os amigos: a Tumnus, ao Sr. e Sra. Castor, ao gigante Rumbacatamau, aos leopardos, aos centauros bons, aos bons anões e ao leão.

À noite, houve grande festa em Cair Paravel. O ouro reluzia e o vinho corria. A música do mar era como um eco à música da festa, porém mais doce e penetrante.

Justamente quando a alegria estava no auge, Aslam desapareceu sem ninguém perceber. Quando souberam disso, os reis e as rainhas não fizeram comentários. O Sr. Castor já tinha avisado.

– Ele há de vir e há de ir-se. Num dia, poderão vê-lo; no outro, não. Não gosta que o prendam... e, naturalmente, há outros países que o preocupam. Mas não faz mal. Ele virá muitas vezes. O importante é não pressioná-lo, porque, como sabem, ele é selvagem. Não se trata de um leão *domesticado*.

Como você vê, a história está quase acabando. Os dois reis e as duas rainhas governaram Nárnia, e o reinado foi longo e feliz. A princípio gastaram grande parte do tempo destruindo o que restava do exército da Feiticeira Branca. Durante muito tempo ainda, chegaram notícias de que espíritos maus se escondiam nos recantos desconhecidos da floresta. Uma emboscada aqui, uma morte ali, um lobisomem que aparecia, uma bruxa que dava o ar de sua desgraça... Até que toda aquela raça imunda foi eliminada. E os reis e as rainhas fizeram leis justas, mantiveram a paz, não permitiram que as árvores fossem derrubadas sem necessidade, libertaram os anõezinhos e os sátiros da tirania escolar. De modo geral, acabaram com todos os importunos e intrometidos... as criaturas chatas. E deram força para as pessoas comuns, que só querem viver e deixar que os outros também vivam. Expulsaram os gigantes maus (muito diferentes de Rumbacatamau) do norte de Nárnia, quando estes tiveram a audácia de atravessar a fronteira. Estabeleceram tratados de boa vizinhança e firmaram alianças com os países de além-mar. Visitaram esses países e deles receberam visitas oficiais.

E eles próprios foram crescendo e mudando à medida que o tempo passava.

Pedro ficou um homem alto e parrudo: foi chamado Pedro, o Magnífico. Susana virou uma mulher alta e esbelta, de cabelos negros que chegavam quase aos pés. Foi chamada Susana, a Gentil. Edmundo era mais grave e calado do que Pedro, muito sábio nos conselhos de Estado. E foi chamado de Edmundo, o Justo. Lúcia, esta continuou sempre com os mesmos cabelos dourados e a

mesma alegria, e todos os príncipes desejavam que ela fosse a sua rainha. E foi chamada de Lúcia, a Destemida.

Assim viveram em grande alegria. Só lembravam a vida neste mundo de cá como quem se lembra de um sonho.

Um certo ano, Tumnus, já agora um fauno de meia-idade, trouxe notícias de que o Veado Branco voltara a aparecer. O Veado Branco, quando apanhado, trazia consigo a satisfação de todos os desejos.

Os dois reis e as duas rainhas, acompanhados dos principais membros da corte, partiram à caça do Veado Branco nos Bosques do Ocidente, conduzindo cães e fazendo soar as trompas. Não tinham cavalgado muito quando o avistaram. Correram em sua perseguição por montes e vales, por bosques e planícies, até deixarem para trás, cansados, os cavalos dos cortesãos. Só eles quatro continuaram a persegui-lo. Viram o veado desaparecer numa capoeira tão cerrada que os cavalos não conseguiram entrar. Então o rei Pedro disse (sendo reis e rainhas há tantos anos, usavam agora um estilo muito diferente):

– Leais consortes, desmontemos, deixando aqui os nossos corcéis, e sigamos o veado pela floresta; pois nunca meus olhos viram tão nobre animal.

– Senhor – disseram os outros –, façamos consoante o vosso desejo.

Prenderam os cavalos às árvores e penetraram a pé na floresta cerrada. E mal tinham entrado, quando Susana disse:

– Gentis amigos, eis que vejo uma grande maravilha; parece-me uma árvore de ferro.

– Senhora – replicou Edmundo –, se olhardes bem, vereis que é um pilar de ferro, com uma lanterna em cima.

– Pela Juba do Leão! – exclamou Pedro. – Que ideia é essa, de afixar uma lanterna num local em que as árvores crescem tão juntas e tão alto, que, mesmo acesa, não daria luz a ninguém!

– Senhor – disse Lúcia –, é provável que, quando este poste e esta lâmpada aqui foram colocados, talvez fossem as árvores pequenas, ou poucas, ou nem árvores existissem. Porque este bosque é jovem e o poste é velho. – E ficaram todos olhando para ele. Disse Edmundo:

– Não sei bem o que é, mas aquela lâmpada faz-me sentir um não sei quê. Não me sai do pensamento que já a vi em outro tempo, como se fosse em um sonho, ou no sonho de um sonho...

– Senhor – responderam todos –, o mesmo acontece a nós.

– E a mim me parece – acrescentou Lúcia – que se passarmos para além do poste e da lanterna, encontraremos estranhas aventuras, ou então haverá grandes transformações em nossas existências.

– Senhora – disse Edmundo –, o mesmo pressentimento me agita o âmago.

– Também a mim, meu excelso irmão – disse Pedro.

– E a mim – declarou Susana. – Por isso, sou de opinião que voltemos sem demora ao sítio onde deixamos os cavalos e paremos de perseguir o inatingível Veado Branco.

– Senhora – disse Pedro –, perdoai, se vos contradigo. Porque, desde que somos reis e rainhas de Nárnia, jamais encetamos uma alta empresa (batalhas, demandas, feitos de armas e atos de justiça) para depois desistirmos. Sempre levamos a bom termo tudo quanto iniciamos.

– Minha irmã – disse Lúcia –, o nosso real irmão tem razão. Grande vexame seria para nós se, por qualquer terror ou pressentimento, deixássemos de perseguir tão nobre animal, como o que nos propusemos caçar.

– Faço minhas as vossas palavras – declarou Edmundo. – E tão grande é o meu desejo de descobrir o sentido daquele objeto, que nem pela joia mais rica que possa existir em Nárnia, nem por todas as suas ilhas, eu voltaria atrás, por meu querer.

– Então, em nome de Aslam – disse Susana –, se o desejo de todos vós é esse, continuemos em busca da aventura que nos aguarda.

Assim, reis e rainhas entraram no bosque, e ainda não tinham dado meia dúzia de passos quando notaram que o objeto visto era um lampião. E pouco mais tinham andado quando perceberam que não seguiam entre ramagens, mas entre casacos de peles. E daí a um pouquinho saltavam todos da porta do guarda-roupa para a sala vazia. Já não eram reis e rainhas em traje de montaria, mas simplesmente Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, nas suas roupas antigas. E era o dia e a hora em que todos tinham entrado no guarda-roupa para se esconderem. D. Marta e os visitantes falavam ainda no corredor, mas, felizmente, nunca chegaram a entrar na sala vazia, e as crianças não foram apanhadas.

E este seria o fim da história se as crianças não se sentissem na obrigação de explicar ao professor por que quatro casacos tinham desaparecido do guarda-roupa. E o professor (um sujeito de fato fora do comum) não lhes disse que deixassem de ser bobos ou de inventar histórias. Acreditou.

– Não! – disse ele. – Realmente. Não creio que valha a pena entrar pelo guarda-roupa para procurar os casacos. Por esse caminho, nunca mais irão a Nárnia. Nem os casacos serviriam para muita coisa agora. Hein? Que tem isso? É claro que um dia vocês voltarão a Nárnia. Quem é coroado rei em Nárnia, será sempre rei em Nárnia. Mas não tentem seguir o mesmo caminho duas vezes. Na verdade, vocês nem devem fazer coisa alguma para voltar a Nárnia. Nárnia acontece. Quando menos esperarem, pode acontecer. E não falem muito sobre o

que aconteceu, mesmo entre vocês. Sobretudo, não digam nada aos outros. A não ser se descobrirem que eles próprios visitaram países do mesmo gênero. O quê? Como irão saber? Ora, ora, não é nada difícil, não se incomodem. Coisas que as pessoas dizem... Até pelo olhar... e lá se foi o segredo. Abram bem os olhos! Céus! O que é que estão ensinando às crianças na escola?

E chegamos ao fim das aventuras do guarda-roupa. Mas, se o professor tinha razão, as aventuras em Nárnia estavam apenas começando.

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título THE LION THE WITCH AND THE WARDROBE copyright © CS Lewis Pte Ltd 1950.

O leão, a feiticeira e o guarda-roupa copyright © CS Lewis Pte Ltd 1950.

As Crônicas de Nárnia®, Nárnia® e todos os títulos dos livros, personagens e lugares originais de Crônicas de Nárnia são marcas registradas de CS Lewis Pte Ltd e seu uso é expressamente proibido sem autorização.

Narnia é uma marca registrada do Reino Unido de C.S. Lewis Pte Ltd. The Chronicles of Narnia é uma marca registrada de C.S. Lewis Pte Ltd.

Copyright © C.S. Lewis Pte Ltd 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956.

Copyright das ilustrações © C.S. Lewis Pte Ltd 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956.

Ilustrações de Pauline Baynes

Copyright © 2005, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, para a presente edição.

Edição encadernada publicada em 2002

Primeira edição em brochura 2005

Quinta tiragem 2007

Segunda edição em brochura 2009

Primeira edição digital 2012

Tradução

PAULO MENDES CAMPOS

SILÊDA STEUERNAGEL (A última batalha)

Revisão da Tradução

Silvana Vieira